













# DOSSIÊ ESPORTE

Um estudo sobre o esporte na vida do brasileiro



**Ipsos Marplan**  
Media Research

# Índice

<b>Prefácio</b>	<b>15</b>
<b>Metodologia</b>	<b>16</b>
<b>Esporte <i>s.m.</i></b>	<b>27</b>
<b>O esporte na vida do brasileiro</b>	<b>59</b>
Praticar e assistir	61
Como o brasileiro pratica	68
Como o brasileiro assiste	73
Os benefícios do esporte	78
O brasileiro e o esporte: segmentação	83
Publicidade & Patrocínio	87
<b>Ídolos e torcidas</b>	<b>99</b>
<b>O PIB do esporte</b>	<b>127</b>

## Prefácio

O esporte é tema tão popular quanto a religião e tão desconhecido quanto um costume exótico. Este estudo parte da ancestralidade ritual do esporte na Grécia Antiga e acompanha a sua evolução social até os nossos dias, numa pesquisa ampla sobre as dimensões básicas da vida esportiva. Eis a distância entre o ver e praticar, eis a relação entre ídolos e torcidas, eis os números surpreendentes do PIB esportivo no Brasil e no mundo.

Do ponto de vista de um antropólogo social fascinado pelo assunto, o que mais me chama a atenção é que a narrativa é construída em cima de entrevistas, o que permite avaliar com riqueza de perspectiva o modo pelo qual a nossa sociedade concebe e vivencia o esporte, inclusive nas suas formas mais populares.

O dossiê demonstra como o esporte ultrapassa a esfera do entretenimento, como indústria cultural e de massa. É também fonte de identidades que se cruzam com a segmentação econômica, social e política dos seus espectadores e praticantes, criando mais um sistema de emblemas coletivos. Emblemas que, ao definir as pessoas como praticantes deste ou daquele esporte, ou como admiradores deste ou daquele time ou atleta, separa ou reúne ricos e pobres, doutos e analfabetos, em papéis sociais que podem ou não combinar com sua posição social.

A investigação do ídolo e do espectador ajuda a descobrir como os grandes craques servem de modelo social e moral para a pessoa comum, como exemplos de comportamento a serem seguidos ou evitados. São equivalentes éticos dos santos que, antigamente, ocupavam tal lugar no imaginário popular.

A pesquisa mostra, ainda, que os valores do mundo esportivo – regras fixas que valem para todos, respeito pelos árbitros e, sobretudo, o rodízio entre vitória e derrota – reforçam implicitamente elementos básicos da vida democrática, onde o adversário não se confunde com o inimigo e o vencer não legitima nenhuma perpetuidade no topo da lista. É jogo jogado em campo e fora dele.

**Roberto DaMatta**

# Metodologia

O estudo que deu origem ao Dossiê Esporte foi realizado pela Ipsos Marplan, entre setembro de 2005 e junho de 2006, em quatro fases:

- Discussões em grupo, com o duplo objetivo de investigar de forma ampla o esporte na vida das pessoas e subsidiar a pesquisa quantitativa. Foram 20 grupos com pessoas de 7 a 69 anos, das classes ABC, em São Paulo e Rio de Janeiro, de novembro de 2005 a janeiro de 2006.

- Pesquisa quantitativa, com o objetivo de mensurar as questões relativas ao esporte, por meio de entrevistas pessoais e domiciliares. Foram realizadas 2.338 entrevistas também com pessoas de 7 a 69 anos, das classes ABC, nas nove principais praças brasileiras\*, de março de 2006 a junho de 2006.

- Entrevistas em profundidade com personalidades do esporte e de universos relacionados a ele, com o objetivo de desenvolver de forma aprofundada e individual as questões relativas ao esporte e agregar ao estudo a visão dos especialistas. Foram realizadas 19 entrevistas em profundidade, de novembro de 2005 a junho de 2006.

- Desk Research, com o objetivo de prover informações de referência sobre as diferentes dimensões do esporte, utilizadas como pano de fundo para os resultados da pesquisa com a população e das entrevistas em profundidade, através de informações advindas de organizações, publicações, autores e entidades relacionados ao esporte. Realizada de setembro de 2005 a abril de 2006.

Os diferentes resultados - quantitativos e qualitativos - foram integrados para proporcionar insights e conclusões utilizados como base para o Dossiê Esporte.

\*Grande São Paulo, Grande Rio de Janeiro, Grande Recife, Fortaleza, Brasília, Curitiba, Grande Belo Horizonte, Grande Porto Alegre, Grande Salvador.

## Distribuição da amostra, fase quantitativa

Total de entrevistados: 2.338

### Por classe social

Classe A:	291
Classe B:	909
Classe C:	1.138

### Por gênero

Homens:	1.118
Mulheres:	1.220

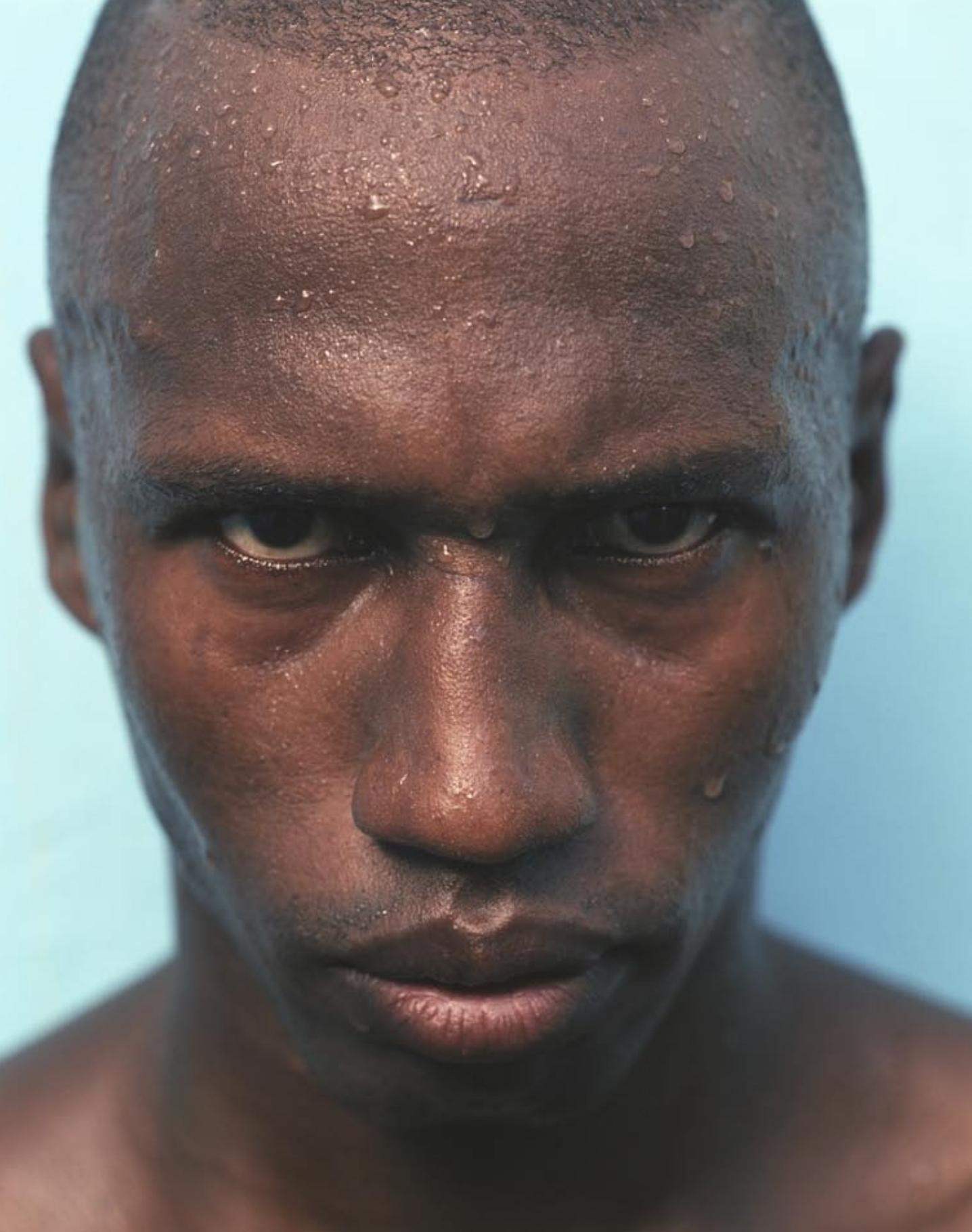
### Por mercado

São Paulo:	833
Rio de Janeiro:	541
Belo Horizonte:	185
Porto Alegre:	184
Recife:	123
Curitiba:	119
Brasília:	127
Fortaleza:	95
Salvador:	131

### Por faixa etária

7 a 9 anos:	135
10 a 12:	134
13 a 17:	232
18 a 24:	342
25 a 34:	420
35 a 44:	388
45 a 49:	176
50 a 59:	251
60 a 69:	260











# Esporte *s.m.*



# A palavra esporte não tem uma definição universal, mas todo mundo sabe o que é

Segundo o site da Fifa, a audiência acumulada nas 112 partidas da Copa do Mundo de 2006 ultrapassou os 32 bilhões de telespectadores. Audiência semelhante, senão maior, é esperada nas Olimpíadas de Pequim, dentro de dois anos. Entre a festa de Berlim e a de Pequim, haverá o Campeonato Mundial de Atletismo de Paris (203 países), os Jogos da Comunidade Britânica na Austrália (53 países), a Copa do Mundo de Rugby na França (20 países), duas temporadas do campeonato mundial de Fórmula 1, duas de futebol americano e centenas de torneios nacionais e internacionais de futebol, vôlei, basquete, tênis, golfe, hóquei no gelo e até peteca.

Todas essas competições têm algo em comum, além da excitação das torcidas e do frenesi dos vendedores de cerveja e cachorro-quente. São liturgias organizadas para satisfazer a crescente obsessão mundial com o esporte. Essa obsessão se manifesta, sobretudo, nos grandes torneios e campeonatos, mas é visível o tempo todo também nas academias de ginástica, nos currículos escolares, nos parques, nas praias e, naturalmente, nos estádios.

O esporte está, sim, em toda parte. Mas, o que é mesmo esporte? O que, em última análise, pode ou deve ser chamado de esporte? Senhores aposentados jogando xadrez no calçadão estão fazendo esporte? Meninas de tutu branco e sapatilha ensaiando um trecho do *Lago dos Cisnes* apenas dançam balé ou também fazem esporte? Peteca é brincadeira ou esporte? E aquelas

mulheres que se acham sempre um pouco acima do peso, em conjuntos de jogging coloridos fazendo alongamento em colchonetes no gramado do clube, estão se dedicando exatamente a quê? Ao esporte?

O fato é que não existe uma definição única do termo. Dicionários, acadêmicos, historiadores, esportistas profissionais, instituições oficiais, jornalistas especializados, cada fonte conceitua de um jeito próprio aquilo que o senso comum chama de esporte.

Quando alguém diz que faz algo “por esporte”, já reconhece no termo um de seus atributos essenciais: a diversão, o lazer, o entretenimento. Quando outra pessoa é chamada de “craque” ou elogiada como “profissional”, recebe automaticamente atributos típicos dos que se dedicam à prática esportiva como meio de vida: obediência a regras, vocação para competir, competência, empenho, talento, comprometimento.

As duas vertentes do esporte: o exercício físico e a competição

## A emoção e as regras

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, esporte (*substantivo masculino*) é “atividade física regular para fins de recreação ou condicionamento corporal e de saúde”, mas também “jogos ou atividades regulares que requerem destreza física com observação de regras específicas”; e, entre outras possibilidades, “atividade lúdica, hobby, passatempo”.

Consultem-se outros bons dicionários - *Dictionnaire de la Langue Française Larousse*, *Duden Deutches Universalwortenbuch*, *Cambridge International Dictionary of English* etc. - e serão encontradas definições igualmente múltiplas e abrangentes do que é esporte.

Do ponto de vista etimológico, os lingüistas reconhecem no esporte duas grandes vertentes: a da competição e a do exercício físico. No primeiro caso, os jogos são sujeitos a regras e normas fixas, e a prática pressupõe treinamento regular, método, condicionamento físico e habilidade. O exercício físico, por sua vez, está ligado à idéia de lazer e bem-estar, saúde e qualidade de vida.

Ou seja, é esporte tentar desesperadamente acertar uma bola numa rede esticada entre duas traves e um travessão, dando combate a adversários que têm o mesmo objetivo e sob o olhar atento de um árbitro disposto a fazer valer 17 regras invioláveis, mas também é esporte uma prazerosa caminhada no parque ou na praia, numa

manhã de sol, com roupas confortáveis e, quem sabe, ouvindo música com fones de ouvido.

Como em muitas outras questões, da guerra no Iraque à junk food, Estados Unidos e Europa divergem também na aceitação do que é ou não esporte. O mundo acadêmico americano, com sua corrente sociológica, reconhece como esporte apenas as práticas que tenham reflexos sociais e compreendam, além do esforço físico, regras institucionalizadas, competição e motivação (seja ela intrínseca, no caso do esporte amador, seja extrínseca, ou sonante, no profissional).

Num recente editorial sobre o business do esporte, a revista inglesa *The Economist*, com seu reconhecido bom senso e pragmatismo, sentenciou: “Os dicionários falam do esporte como entretenimento, diversão ou alegria, a competição seria secundária ou não fundamental para a atividade esportiva. Nossa opinião é diferente: o esporte deve envolver sempre competição; sem ela há apenas exercício físico”.

O Curso de Bacharelado em Esporte da Universidade de São Paulo filia-se à visão americana de que, ao contrário do que admitem os europeus, nem tudo pode ser considerado esporte. “Para o esportista profissional que vive do esporte, isso é trabalho, não lazer”, diz o professor Valdir J. Barbanti, da Universidade de São Paulo.

O professor Manoel Tubino, presidente da Federação Internacional de Educação

Física, diz que na maioria dos países europeus existe uma distinção entre esporte, educação física e recreação. O esporte é praticado em clubes e centros esportivos comunitários, enquanto a educação física é prerrogativa das escolas. Segundo Tubino, mais afinado com a visão européia, “o esporte é apenas uma das manifestações da cultura física, que também compreende a dança e a recreação, e se fundamenta na educação física”.

Num estudo acadêmico de fôlego sobre a matéria - *Sport and Social Order: Contributions to the Sociology of Sports* -, os pesquisadores americanos Donald W. Ball e John W. Loy deram uma contribuição lapidar para o paradoxo daquilo que todo mundo sabe o que é e ninguém explica do mesmo jeito:

“O significado do esporte, assim como o do tempo, é auto-evidente, até que alguém seja questionado a defini-lo”.

## A materialização do espírito

Ao longo da história pode ter havido dúvida sobre o que fosse ou não esporte, mas não sobre o seu significado social e alcance político.

No século VI a.C., muito antes de jogadores de futebol serem transacionados por dezenas de milhões de dólares, o historiador grego Xenofonte já criticava as excessivas honrarias prestadas aos vencedores dos torneios e exclamava indignado que o seu saber de poeta e filósofo era “melhor do que a força de homens e cavalos” (a história registra que os primeiros prêmios em dinheiro aos atletas profissionais gregos começaram a ser pagos em 580 a.C.).

Segundo Platão, quando Sócrates discursou aos juízes atenienses para demonstrar que não merecia ser condenado à morte, disse:

“Quem não tem coragem para correr riscos nunca vai ser nada na vida”

**Muhammad Ali,**  
ex-campeão de boxe

“O que convém a um homem que é pobre, que é vosso benfeitor e que pede apenas para ter um pouco de tempo para vos falar? Não há nada mais merecido, ó cidadãos atenienses, que um homem como esse seja nutrido pelo tesouro público no Pritaneu, mais até que um de vós que com um cavalo ou biga tenha vencido nos Jogos Olímpicos. De fato, este vos faz acreditar que sois felizes, enquanto eu vos torno felizes”.

A peroração de Sócrates mostrou-se inútil, como se sabe, mas aqueles eram tempos difíceis e de todo modo, hoje em dia, ninguém contrapõe, por motivo algum, a filosofia à competição atlética. O esporte teve extrema importância na vida política grega em todas as

fases da sua história. Em Atenas, as competições físicas e eqüestres eram atividades sociais prestigiosas capazes de mobilizar a população inteira em torno dos eventos, sempre festivos. Muitos atletas eram ao mesmo tempo gerais e políticos, e o esporte e a política refletiam de forma diversa e complementar a vida cotidiana e os conflitos locais.

A conjunção de esporte, política e vida guerreira foi a especialidade de Esparta. Na militarizada e combativa cidade-Estado, exercícios físicos não eram apenas passatempo, mas tinham o objetivo de educar os jovens à resistência física e à habilidade na guerra. Para os soldados já maduros, a

“Quando escuto a palavra, eu sempre paro para pensar: esporte de que maneira? Esporte de lazer? De competição? Esporte de brincadeira ali na quadra da escola?”

**Daniele Hypólito**, campeã de ginástica artística

participação nas competições esportivas constituía uma distração nobre e de acordo com os valores da ética militar.

A sintonia entre mente e corpo parece um conceito do século XXI e, de fato, é atualíssimo, mas essa é uma idéia popularizada por Platão, antes do cristianismo. Coube ao poeta romano Juvenal a criação do lema que orna academias de ginástica e estádios ao redor do planeta: *mens sana in corpore sano* (Sátira X, versículo 356).

No seu livro *A History and Philosophy of Sport and Physical Education*, que conta a história da cultura física da Antiguidade até agora, os professores americanos Robert Mechikoff e Steven Estes mostram que a interpretação mais comum dada ao esporte ao longo da história foi a de ser a materialização do lado espiritual do ser humano.

Coragem, força, beleza, resistência física, valores pétreos da Grécia antiga, cantados por Homero e Píndaro, estão também no tratado de ginástica escrito por Filostrato no século II a.C. A popularidade do esporte na Grécia, marcada pelos Jogos Olímpicos realizados a cada quatro anos, perdurou até a colonização romana, quando o excesso de impostos, primeiro, e a proibição pura e simples pelo imperador cristão Teodósio em 393 d.C., encerrou o capítulo brilhante do atletismo grego. Teodósio matou os jogos porque eram dedicados a divindades pagãs. Na prática, o cristianismo impunha a sua antiga condenação do corpo, dos exercícios físicos e do hedonismo em geral.

## O renascimento olímpico

Passaram-se 1.503 anos até que os Jogos renascessem, em 1896, por obra e graça de um barão francês chamado Pierre de Coubertin, aquele do “o importante não é vencer, é competir”. Coubertin teve de vencer indiferença e sarcasmo, mas conseguiu recriar a mística dos Jogos.

A primeira edição reuniu apenas 14 países e 311 atletas (três quartos deles, gregos), e não chegou a ser um modelo de organização. No seu *Guia dos Curiosos - História das Olimpíadas*, Marcelo Duarte lembra que a delegação americana, formada quase exclusivamente por atletas universitários de Princeton, chegou a Atenas faltando 24 horas para a abertura, porque ignorava a diferença entre o calendário ortodoxo grego e o calendário ocidental.

Entre Teodósio e Coubertin o esporte nunca deixou de existir no Ocidente como no Oriente. Era admitido nas manifestações religiosas e folclóricas nas profundezas da Idade Média. Há registro de jogos de pólo hípico na Pérsia, no sétimo século. Na Índia, no começo do primeiro milênio, as virtudes dos exercícios físicos eram uma doutrina codificada nas chamadas Leis de Manu, uma espécie de código civil, político, social e religioso. No Renascimento, a Igreja Católica Romana encampou o conceito da mente sã no corpo sã. Em 1488, em Florença - quando Leonardo da Vinci fazia seus estudos anatômicos clandestinos - popularizou-se um jogo chamado “calcio fiorentino”. Era um

antepassado do futebol, disputado na centralíssima Piazza di Santa Croce por duas equipes de 25 jogadores cada, os Brancos e os Verdes.

Como se vê, a cada momento do percurso humano o esporte foi visto, interpretado (e até condenado) de várias maneiras. O Iluminismo e a Revolução Industrial adotaram o predomínio do corpo e a performance física passou a ter valor econômico e social. Na nossa era pós-industrial, o culto do corpo reflete um narcisismo coletivo e a preocupação com a saúde e a qualidade de vida, mas o esporte competitivo tornou-se um negócio fabuloso, que a revolução digital contribui para transformar em fenômeno global (*leia o capítulo final, sobre o valor econômico do esporte*).

Tendo o esporte tamanha relevância histórica, social e econômica, é de se supor que organismos internacionais

como a ONU e a UNESCO tenham procurado dar a ele uma definição comum, mas isso ainda não aconteceu. As duas instituições nasceram no pós-guerra orientadas para a manutenção da paz, a ONU com foco na segurança e diminuição da fome e da mortalidade infantil, e a UNESCO com o objetivo de promover a educação, a cultura, a comunicação e a ciência como armas da paz. Tanto para a ONU quanto para UNESCO o esporte constitui uma das ferramentas para a inclusão social e a igualdade entre povos, raças e religiões.

O “ideal olímpico” codificado pelo barão de Coubertin antevia o esporte como instrumento da paz universal, mas a história recente mostra outros usos do esporte. As Olimpíadas de Berlim, sob o nazismo, em 1936, foram, talvez, o exemplo mais lúgubre do seu uso propagandístico e belicoso. Na própria França natal de Coubertin, a educação

“Eis uma definição que todos buscamos e ainda não encontramos... Parece a busca da pedra filosofal”

*Istvan Kasznar,*  
professor da FGV

física foi introduzida nas escolas em 1882, pouco depois do vexame francês na guerra franco-prussiana. A elite francesa concluíra que a causa da derrota era o sistema educacional que, ao contrário do prussiano, não contemplava a ginástica. Nas escolas francesas, os alunos com mais de 12 anos foram então agrupados em *bataillons scolaires*, com exercícios físicos e militares no currículo.

Foi também a onda nacionalista do século XIX a fornecer a base ideológica para a difusão da educação física e do esporte em outros países. Henrik Ling, o pai da chamada ginástica sueca, era militante de uma organização patriótica chamada Sociedade Gótica. A *Tumvereine*, associação de ginastas alemães da época, tinha no seu uniforme os misteriosos números 9, 919, 1519 e 1819. Correspondiam, respectivamente, às datas da vitória do chefe germano Armínio contra as legiões romanas, a do primeiro e do último torneio do Sacro Império Romano-Germânico, e finalmente à data da introdução do esporte na Alemanha.

Na Inglaterra vitoriana nasceu a outra corrente que inspira o esporte moderno, os jogos de equipe praticados nos *colleges* da alta burguesia e da aristocracia. Na tradição anglo-saxônica, a prática esportiva é concebida como uma verdadeira escola moral e cívica, capaz de difundir valores liberais, a competição leal e o respeito a regras, e de forjar relações entre indivíduo e coletividade. A célebre poesia *If*, de Rudyard Kipling, contém uma ilustração perfeita desses valores.

## Panem et circenses

Do mesmo modo que existe a convicção de que o esporte pode formar caráter e educar para o bem, ainda é difusa – sobretudo entre torcedores frustrados e os mau-humorados em geral – outra convicção: a de que o esporte sempre se prestou a todo tipo de manipulação, e as Olimpíadas de Berlim como plataforma para a reivindicação hitlerista da supremacia ariana são apenas o exemplo mais notório.

Os imperadores romanos usaram a fórmula *panem et circenses* para manter dócil a população (a palavra latina *circus* quer dizer estádio). Algo parecido estaria acontecendo com os megaeventos esportivos de hoje? Certamente, não. Mas, como lembrou *The Economist* no artigo citado, “o esporte é usado periodicamente para vender idéias estranhas”. As Olimpíadas de Moscou de 1980 (boicotadas pelos Estados Unidos) e as de Los Angeles, em 1984, (boicotadas pela União Soviética) foram campos de combate da Guerra Fria. A Fórmula 1 é a última trincheira do esporte na qual os fabricantes de cigarros ainda podem fazer propaganda de seus produtos polêmicos para audiências planetárias.

Embora os promotores e patrocinadores do esporte possam ter outros interesses além da emoção da disputa, dos troféus e da visibilidade de suas marcas, como se comportam os praticantes?

George Orwell, o atormentado autor do livro *1984*, escreveu:

“O esporte sério não tem nada a ver com fair-play. Ele está recheado com ódio, ciúme, vaidade, desrespeito das regras e o prazer sádico de testemunhar violência: em outras palavras, é uma guerra, mas sem os tiros”

**George Orwell, escritor**

Orwell, obcecado pela violência política e o momentâneo sucesso dos regimes totalitários na Europa, não viveu para testemunhar a cena edificante e socialmente evoluída que se via antes das partidas da Copa da Alemanha, quando times adversários seguravam, juntos, a faixa “Diga Não ao Racismo”. Se tivesse sido exposta no mesmo estádio em Berlim, há 70 anos, essa frase teria feito todo mundo ir parar na cadeia.

### A lei e a ordem

Os países que são culturalmente mais envolvidos com o esporte - Estados Unidos, Rússia, Inglaterra, França, Japão, China e, na América Latina, Argentina e Cuba - têm políticas públicas voltadas para a prática esportiva e o bem-estar físico da população. Contudo, até onde

apurou a pesquisa realizada para este dossiê, nenhum desses países procurou definir explicitamente, em leis ou outros documentos oficiais, o que é esporte.

O Ministério da Juventude e dos Esportes da França relaciona no seu site a lista dos esportes que reconhece e apóia, compreendendo 335 disciplinas, agrupadas em 34 famílias e 9 classes - mas não procura definir o que é esporte ou prática esportiva.

No Brasil, de modo peculiar, a lei 6.251, promulgada durante o regime militar (1976), procurou dar uma definição de esporte ou do desporto, que vem a ser a mesma coisa, e estabelecia com grande clareza:

*“Considera-se desporto a atividade predominantemente física, com finalidade competitiva, exercitada segundo regras preestabelecidas”.*

Lapidar, mas e se não tiver finalidade competitiva? Não é esporte? A definição restritiva da lei de 1976 não consegue abranger todo o conjunto de esportes praticados e reconhecidos como tal pela população. Mas tem o mérito de mencionar alguns requisitos universais: atividade física, regras, competição.

A ambiciosa Lei Zico, de 1993 - uma espécie de código canônico do esporte brasileiro, com regras até sobre a divisão do dinheiro das loterias, relações trabalhistas e punições disciplinares aplicáveis a atletas faltosos - procurou enquadrar o senso comum nos dois parágrafos do seu artigo 1º:

§ 1 A prática desportiva formal é regulada por normas nacionais e internacionais e pelas regras de prática desportiva de cada modalidade, aceitas pelas respectivas entidades nacionais de administração do desporto.

§ 2 A prática desportiva não-formal é caracterizada pela liberdade lúdica de seus praticantes.

A Lei Zico aponta também os três grandes ramos da prática esportiva:

- Desporto educacional, praticado nas escolas e voltado para o desenvolvimento integral, cidadania e lazer.
- Desporto de participação, com fins sociais, de saúde e consciência ambiental.
- Desporto de rendimento, praticado segundo regras, com a finalidade de obter resultados e de integrar pessoas e comunidades do país e estas com as de outras nações.

### A voz do povo

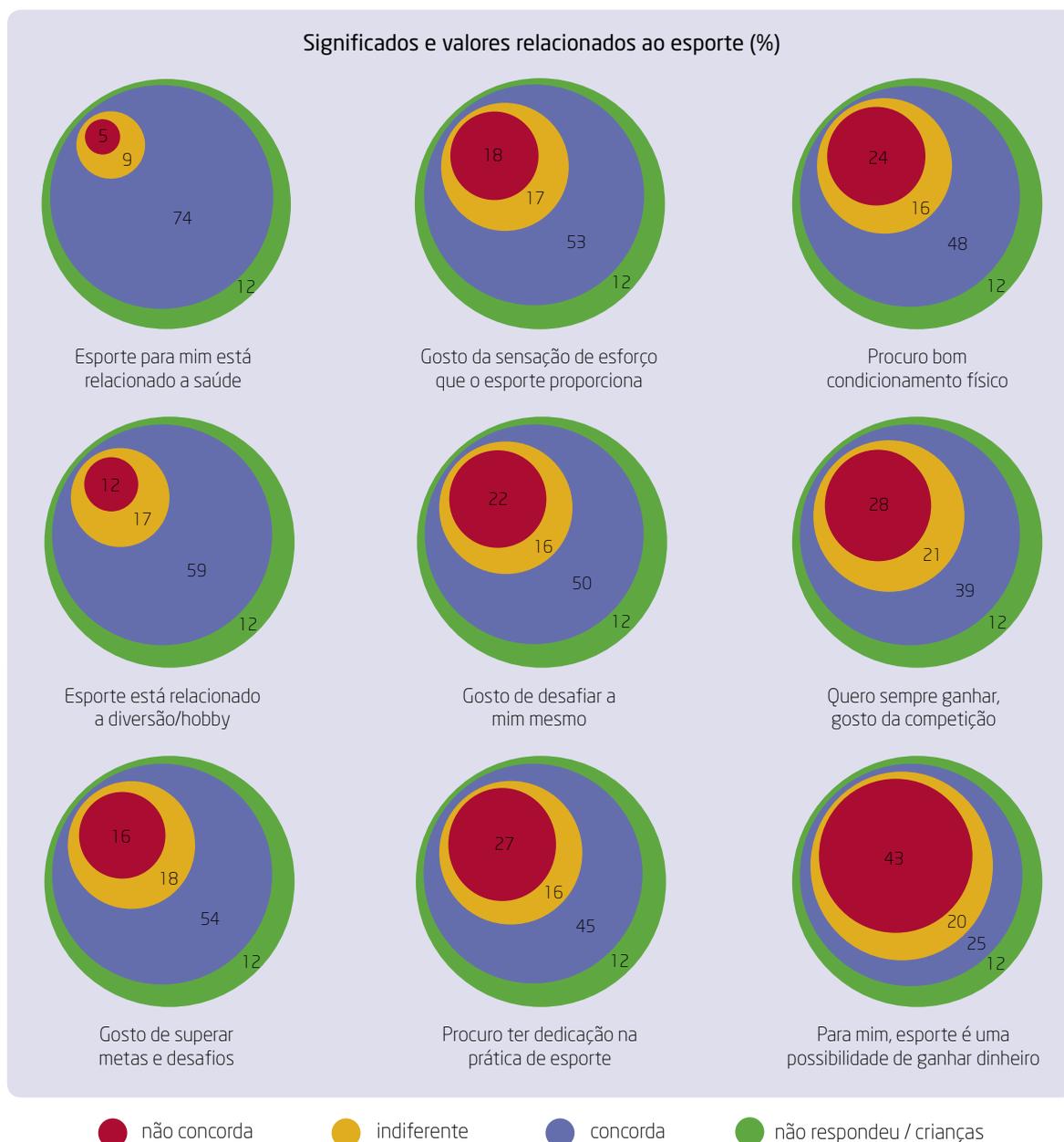
Como o senso comum define o que é esporte? Apesar da dificuldade conceitual imposta pela pergunta, o resumo e a análise das várias etapas da pesquisa apontam para uma visão comum bastante difusa, baseada em três pontos:

- Esporte é um universo feito de atividade física, jogos coletivos e individuais com regras e disciplina próprias voltados para a competição e a superação; exige esforço físico e mental.
- Metade desse universo tem a ver com a melhora do físico e com a saúde.
- A outra metade do universo-esporte é voltada para a diversão e o lazer.

O grau de competitividade e a meta de superação definem, na opinião comum, se uma prática esportiva está mais próxima da disputa atlética ou do lazer e da saúde. Exemplos espontâneos: soltar pipa, jogar frescobol ou fazer cama elástica são lazer e diversão. Caminhadas

ou jogos amadores já têm características de esporte; e quando há competição, como no esporte profissional, trata-se de esporte em estado puro.

Os significados relacionados ao esporte mais valorizados são saúde e diversão:



## Os profissionais

Acadêmicos, atletas e jornalistas vêem o esporte como os demais, mas com outro componente, o social: o esporte é instrumento de educação, controle da violência, inclusão social e saúde pública.

“Se dizem que xadrez é esporte, eu respeito. Eu vejo o esporte como ato físico, com desgaste físico e mental, como o xadrez. No skate, a gente também usa o mental e o físico. O mental é o mais importante: se não tiver preparo mental, pode ser o melhor fisicamente que não vai adiantar”

**Sandro Dias,**  
skatista profissional

“A primeira coisa que vem à minha mente é saúde, seguida de lazer e relacionamento. É um instrumento de crescimento individual do ser humano”

**Dr. Moisés Cohen,** chefe do Centro de Traumatologia do Esporte da Universidade Federal de São Paulo

“Esporte é toda atividade física, competitiva ou não, voltada para a formação dos praticantes e dos espectadores e que ajuda na formação moral e cívica”

**Georgios Hatzidakis,** professor de Educação Física na Uniban, em São Paulo

“É cultural: na Alemanha, esporte é jogo, recreação, dança. No Brasil, é muito relacionado com jogos normatizados: vôlei, handebol, ginástica, futebol...”

**Dietmar Samulski,**  
psicólogo do esporte

### Os esportes, de A a Y

Até agora, em pleno século XXI, nem a história nem as instituições encontraram a definição perfeita para a palavra esporte. Do mesmo modo, não existe unanimidade sobre quais práticas esportivas ou físicas podem ser chamadas de esporte. A variedade de jogos e atividades é enorme e só faz aumentar, estimulada pela globalização e a fertilização cultural cruzada.

Os esportes mais populares são os que estão enraizados na cultura popular dos torcedores. O presidente da FIFA, Joseph Blatter, vangloriou-se com o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, que a FIFA reúne mais países que a própria ONU.

É verdade, já que praticamente todas as nações da Terra, da Albânia ao Zaire, participaram da fase de qualificação para a Copa da Alemanha.

Ninguém discute, por isso, se o futebol é ou não um esporte. Mas a importância do futebol é muito relativa em alguns países, em particular nos Estados Unidos, onde raramente um grande jogo reúne mais de 10 mil ou 15 mil pessoas. Nos Estados Unidos, o futebol ainda é visto como um esporte juvenil e sobretudo feminino. Espera-se (ou teme-se) que a forte imigração latina possa mudar isso em uma geração ou duas.

Há esportes curiosos em outras partes do mundo, como o futebol australiano,

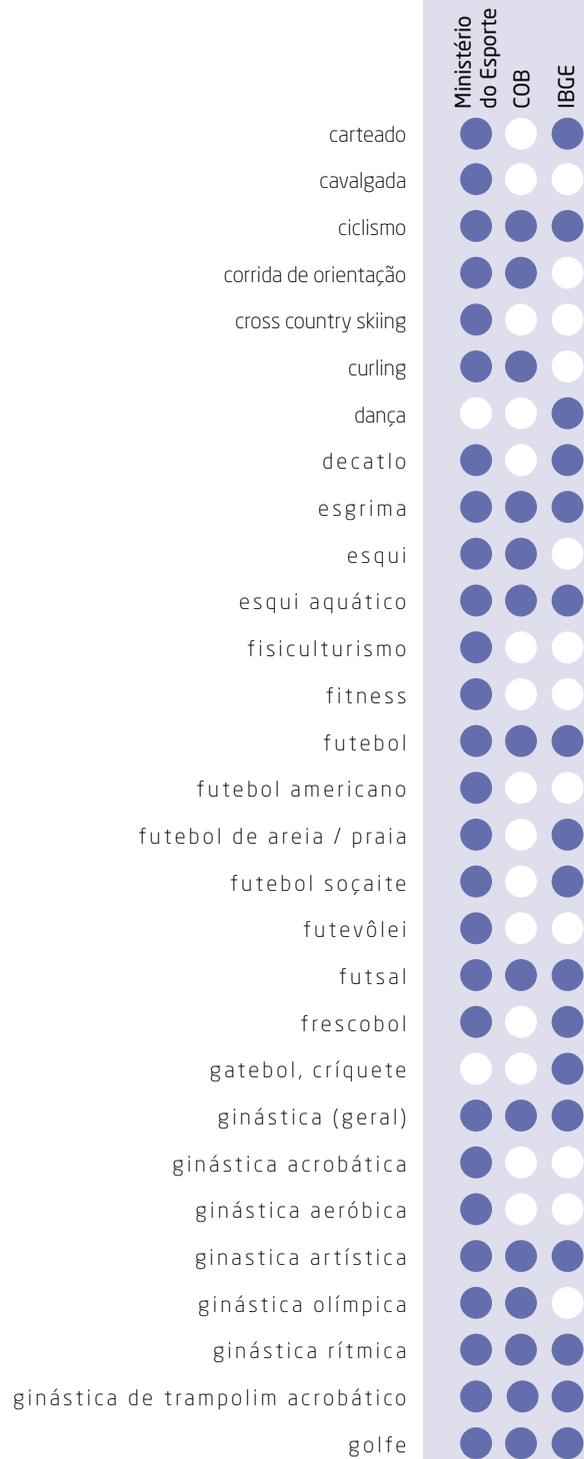
com regras próprias, mais atlético e cheio de ação. No subcontinente indiano, do Paquistão ao Sri Lanka, o críquete é o jogo da garotada, até com equipamento improvisado e em qualquer terreno. Na China e no Sudeste Asiático, outra herança inglesa faz com que o badminton - aquela espécie de petequinha jogada com uma minirraquete em um campo parecido com o de tênis - seja tão popular quanto o futebol no Brasil.

Claro que a tradição tem o seu peso, mas ela não impede que esportes nasçam, morram ou simplesmente sobrevivam em semi-anonimato. O cabo-de-guerra, que hoje todos consideram uma brincadeira divertida em convenções corporativas ou churrascos no sítio, foi esporte olímpico até 1904. O squash tem um grande número de jogadores nas grandes metrópoles, mas pouquíssimos fãs entre os não-praticantes, já que é impossível de ser televisionado.

Balé clássico tem algo a ver com o esporte? Instituições públicas brasileiras que tratam do esporte de um ponto de vista oficial - Ministério do Esporte, Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e IBGE dizem que não. E a dança contemporânea, em geral? O IBGE diz que sim, mas o COB e o Ministério dizem que não. Mas um jogo de mesa, o xadrez, segundo as três entidades, é esporte sim. Na tabela a seguir, veja as práticas esportivas reconhecidas pelos órgãos oficiais brasileiros:

	Ministério do Esporte	COB	IBGE	
acqua ride	●	○	○	
acrobacia aérea	●	○	○	
aerodelismo	●	○	●	
alpinismo	●	○	○	
arvorismo	●	○	○	
atletismo	●	●	●	
automobilismo	●	●	●	
badminton	●	●	●	
balonismo	●	○	○	
balé clássico	○	○	○	
basquetebol	●	●	●	
beisebol	●	●	●	
bicicross	●	●	●	
biribol	●	○	○	
bobsled	●	●	○	
bocha	●	○	○	
bodyboard	●	○	○	
bolão	●	○	○	
boliche	●	●	●	
boxe	●	●	●	
bungee jumping	●	○	○	
cabo-de-guerra	●	○	○	
caça e tiro	●	●	●	
caça submarina	●	○	○	
caminhada	●	○	○	
canoagem	●	●	●	
canyonismo	●	○	○	
capoeira	●	●	●	

● modalidades relacionadas como esporte  
○ modalidades não relacionadas como esporte



“O esporte é uma oportunidade para o Brasil, para as pessoas de baixa renda, num caminho de saúde, bem-estar, inclusão social, cidadania. Provavelmente, a única saída para o problema da falta de oportunidade para os jovens brasileiros”

**Fábio Fernandes,**  
publicitário

Fonte: Como critério para serem reconhecidas pelo Ministério do Esporte foram consideradas as confederações, associações, comissões e comitês que constam no site do Ministério do Esporte ([www.esporte.gov.br](http://www.esporte.gov.br)).

“O esporte é uma imitação da vida e vice-versa. Quer dizer, o esporte é o opus por excelência, onde você aprende a ganhar, aprende a perder, aprende a lidar com as frustrações”

**Juca Kfouri,**  
jornalista

Fonte: Como critério para serem reconhecidas pelo COB foram consideradas as confederações filiadas e vinculadas ao COB (encontram-se no site [www.cob.org.br](http://www.cob.org.br)).



	Ministério do Esporte	COB	IBGE
motonáutica	●	●	●
mountain bike	●	●	●
musculação/culturismo	●	●	●
natação	●	●	●
natação sincronizada	●	●	●
parapente	●	●	●
pára-quedismo	●	●	●
patinação	●	●	●
patinação no gelo	●	●	●
pentatlon moderno	●	●	●
pesca	●	●	●
pelota de mão	●	●	●
pentatlon militar	●	●	●
peteca	●	●	●
pólo	●	●	●
pólo aquático	●	●	●
pontobol	●	●	●
punhobol	●	●	●
queimada	●	●	●
rafting	●	●	●
rally - off road	●	●	●
rapel	●	●	●
remo	●	●	●
rodeio	●	●	●
rúgbi	●	●	●
saltos ornamentais	●	●	●
sandboard	●	●	●
sinuca, bilhar	●	●	●
skeleton	●	●	●

## Como o COI reconhece um esporte?

Nas peladas de várzea, segundo a tradição, é o dono da bola quem manda: distribui posições em campo, escolhe para ele mesmo a de sua preferência e, contrariado, costuma até colocar a bola debaixo do braço e encerrar o jogo (correndo alguns riscos, é verdade).

No caso dos esportes olímpicos, e das Olimpíadas, o dono da bola é o Comitê Olímpico Internacional (COI), entidade privada com sede no Castelo de Vidy, em Lausanne, na Suíça. Tem a última palavra (quase sempre também a primeira) em tudo o que diz respeito a esportes, pelo menos os que pleiteiam o reconhecimento olímpico.

O COI é o guardião do chamado Movimento Olímpico, uma espécie de ideologia da competição leal criada por Coubertin. A Carta Olímpica, na prática a Constituição do COI, não define o esporte, mas sim os ideais do Movimento Olímpico:

Fonte: A listagem IBGE inclui as modalidades incluídas no questionário de uma pesquisa anual do IBGE disponível no site do Ministério do Esporte, no link abaixo: [http://portal.esporte.gov.br/arquivos/cedime/projeto\\_IBGE/questionario\\_esporte\\_municipal.pdf](http://portal.esporte.gov.br/arquivos/cedime/projeto_IBGE/questionario_esporte_municipal.pdf)

“O Olimpismo é uma filosofia de vida balanceando num todo as qualidades do corpo, vontade e mente. Associando esporte com a educação e a cultura, o Olimpismo procura criar um modo de vida baseado na alegria encontrada no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito aos princípios éticos fundamentais universais”

**Trecho da Carta Olímpica**

	Ministério do Esporte	COB	IBGE
skate	●	●	●
snowboard	●	●	●
softbol	●	●	●
squash	●	●	●
sumô	●	●	●
surfe	●	●	●
tae kwon do	●	●	●
tai chi chuan	●	●	●
tamboréu	●	●	●
tênis	●	●	●
tênis de mesa	●	●	●
tiro com arco	●	●	●
tiro esportivo	●	●	●
totó / pebolim	●	●	●
trekking - enduro	●	●	●
triatlo	●	●	●
turfe	●	●	●
vela	●	●	●
voleibol	●	●	●
vôlei de praia	●	●	●
vôo livre	●	●	●
vôo a vela	●	●	●
wakeboard	●	●	●
wave sky	●	●	●
windcar	●	●	●
windsurfe	●	●	●
xadrez	●	●	●
yoga	●	●	●

● modalidades relacionadas como esporte  
○ modalidades não relacionadas como esporte

Seu objetivo oficial é “contribuir para construir um mundo pacífico e melhor pela educação dos jovens por meio do esporte praticado sem discriminação de qualquer tipo e no espírito olímpico, que requer compreensão mútua com espírito de amizade, solidariedade e fair-play”.

Mesmo uma entidade com tão elevados propósitos pode cometer faltas. O COI esteve envolvido em alguns escândalos embaraçosos, com alguns de seus membros acusados de extorquir dinheiro e presentes caros das cidades candidatas a hospedar as Olimpíadas. O caso mais clamoroso foi o dos Jogos de Inverno de 2002, em Salt Lake City (EUA). Mas, segundo relato dos jornalistas ingleses Vyv Simson e Andrew Jennings no seu livro *The Lord of the Rings*, houve problemas anteriores.

A glamorização do esporte e o apelo comercial dos grandes torneios fizeram do esporte em geral e das Olimpíadas em particular uma marca global capaz de gerar enormes receitas com patrocínios públicos e privados. Segundo seu relatório quadrienal 2001 - 2004, o COI faturou 1 bilhão de dólares por ano no período. O Comitê repassa para as federações internacionais e nacionais das várias disciplinas esportivas por volta de 92% de suas receitas.

Os críticos do COI argumentam que sua composição é parecida com a do colégio de cardeais da Igreja, com um sistema bizantino e pouco democrático de indicações - uma parte dos 115 membros ainda é escolhida por cooptação direta - e membros quase

vitalícios. Nos 112 anos de vida do COI houve mais papas no Vaticano (9) do que presidentes em Lausanne (8), incluindo o atual, Jacques Rogge. Seu antecessor, o espanhol Juan Antonio Samaranch, ex-ministro do Esporte na ditadura do generalíssimo Francisco Franco, reinou por 21 anos como presidente. O sistema está mudando, agora há 15 atletas entre os membros do Comitê.

Os dois únicos representantes do Brasil na organização são ex-atletas: João Havelange, membro há 46 anos (disputou natação nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, e pólo aquático em Helsinque, em 1952); e Carlos Arthur Nuzman, presidente do COB, da Federação Internacional de Vôlei e do Comitê Organizador dos Jogos Pan-americanos de 2007 (disputou na equipe brasileira de vôlei nas Olimpíadas de Tóquio, em 1964).

Para obter o reconhecimento do COI e ser admitido nas Olimpíadas, um esporte precisa ser praticado em pelo menos 75 países e 4 continentes, por homens e, no mínimo, em 40 países e 3 continentes, por mulheres. Para os Jogos de Inverno, só esportes amplamente praticados em pelo menos 25 países e 3 continentes. Para todos eles, é requisito básico para entrar no programa da Olimpíada estar reconhecido há pelo menos sete anos e ter adotado o código mundial antidopagem.

A Fórmula 1 tem milhões de fãs, mas não é esporte olímpico porque o COI não admite nenhuma prática com meios mecânicos de propulsão. Outro princípio

do COI é não admitir que uma só prova seja válida ao mesmo tempo para classificação individual e de equipes. Ou é esporte individual ou é de equipe. Naturalmente, o COI, como dono da bola, se reserva o direito de manter nas Olimpíadas esportes, disciplinas e normas que não satisfaçam os critérios do próprio COI, “em casos excepcionais”, e “em consideração à tradição olímpica”.

### **Peteca, um case brasileiro**

No seu livro *Todos os Esportes do Mundo*, o experiente jornalista

esportivo Orlando Duarte, que cobriu 11 Copas do Mundo e 7 Olimpíadas ao longo da carreira, afirma que o país que mais inventou esportes foram os Estados Unidos, com nada menos que 25 modalidades. Em seguida viria a Inglaterra, com 19; a França, com 10; o Japão e o Brasil, com 8; a Itália e o Canadá, com 4; a Índia, com 3...

É claro que existem dúvidas a respeito de algumas paternidades, já que as civilizações mais antigas do Oriente e da velha Europa tiveram mais tempo para lançar as bases de muitas práticas modernas. Duarte argumenta, com

O país que mais inventou esportes foram os Estados Unidos, com nada menos que 25 modalidades. O Brasil, que inventou 8, vem em quarto lugar, junto com o Japão

razão, que o mérito deve ser atribuído ao país que mais fez pelo esporte em organização, participação e divulgação.

A contribuição do Brasil para o mundo inclui especialmente futebol de salão, futebol de mesa, capoeira, esqui na areia e até o jogo de peteca. Você já parou para pensar de onde vem a palavra peteca? *Pe'teka*, nome que em tupi que dizer bater, já seria uma diversão de índios brasileiros desde a época do Descobrimento.

Mas foram os mineiros que transformaram a peteca numa mania no seu estado, nas décadas de 70 e 80. A Federação Mineira de Peteca nasceu em 1975, dois anos depois de as regras do jogo serem consolidadas. Disseminou-se com rapidez, por ser um jogo de pouco empenho físico, simples e barato - joga-se em quadra de vôlei e a própria peteca nada mais é do que uma almofadinha cheia de areia, cuja estabilidade em vôo é mantida por algumas penas de galinha.

A peteca chegou a merecer até um livreto do antigo Movimento Brasileiro de Alfabetização, o Mobral, em 1978. Chamava-se *Vamos Jogar Peteca*, e foi editado pelo Grupo Executivo da Campanha Esporte para Todos, do Ministério da Educação, no governo do general Ernesto Geisel. Louvava, entre as muitas características positivas do jogo, a de agradecer a homens e mulheres de todas as idades.

Curiosamente, além dos índios, também os finlandeses demonstraram um

interesse precursor pelo brasileiríssimo jogo. Segundo registros históricos, a delegação brasileira às Olimpíadas de Antuérpia (Bélgica), em 1920, divertia-se nos momentos livres jogando peteca. Atletas e dirigentes finlandeses gostaram do que viram e pediram as regras ao chefe da delegação brasileira, José Maria Castello Branco, para também poderem jogar.

A peteca é uma prática exótica hoje na Finlândia, mas ela teria 30 mil praticantes na França e alguma presença nos EUA, em vários países europeus e até na Índia e no Vietnã.

No Brasil, a peteca parece ainda em expansão e a capital federal, Brasília, estaria roubando de Belo Horizonte o título de capital brasileira da peteca, com cerca de 2 mil atletas militantes, segundo cálculo da federação local. Mais de 400 atletas de 15 estados disputaram o campeonato brasileiro de 2005, realizado no Country Club de Goiânia, particularmente preparado para a peteca, com oito quadras exclusivas.

Minas Gerais, segundo o presidente da Federação Mineira de Peteca, Márcio Alves Pedrosa, registra um certo refluxo, por falta de patrocínios e estímulo a novas vocações. Em 2003, das 14 categorias existentes, Minas foi campeã em 10. Em 2004, em 8. Em 2005, em apenas 6. Além disso, em 2005, a atleta-revelação foi do Paraná e o atleta do ano, de Goiás. A atleta-destaque veio de Rondônia. Minas, outrora potência indiscutível da peteca nacional, ficou apenas com o título do atleta-destaque.

# "A origem do esporte é o impulso humano de transformar o trabalho, a guerra - na verdade, toda a vida - em jogo"

**Frank Deford**, jornalista e escritor  
em artigo sobre as Olimpíadas de Roma,  
na revista National Geographic, em 1960











# O esporte na vida do brasileiro

# Quase a totalidade da população pratica alguma modalidade esportiva ou acompanha a cobertura de esporte

Se o número de brasileiros alfabetizados, acima da linha de pobreza e com empregos formais fosse igual ao de brasileiros que declaram praticar ou acompanhar esportes, o Brasil já seria um país de Primeiro Mundo. De fato, 94% das 2.338 pessoas entrevistadas para esta pesquisa afirmam praticar ou acompanhar esportes regularmente. Apenas 6% não têm nenhum envolvimento com o assunto, ignorando a prática esportiva, os jogos e competições e a cobertura pela mídia:

A emoção de assistir:

“Quando eu jogo, sei dos meus limites. Em compensação, quando assisto a um jogo, espero só que o meu time ganhe”

**Homem, classe A/B,  
30 a 44 anos, São Paulo**

Fonte: Fase Quantitativa - total da amostra



Nas discussões em grupo, a prática ativa foi apontada como positiva pelo prazer da contribuição pessoal na partida e pela emoção da vitória. Além disso, praticar aumenta o conhecimento do esporte e reforça a auto-estima.

A emoção de praticar:

“Quando você está dentro do jogo, você quer vencer, está lutando pelo resultado. Quando você está torcendo, quer o mesmo resultado, mas não depende de você”

**Mulher, classe A/B,  
18 a 21 anos, São Paulo**

## PRATICAR E ASSISTIR

### Emoções diferentes

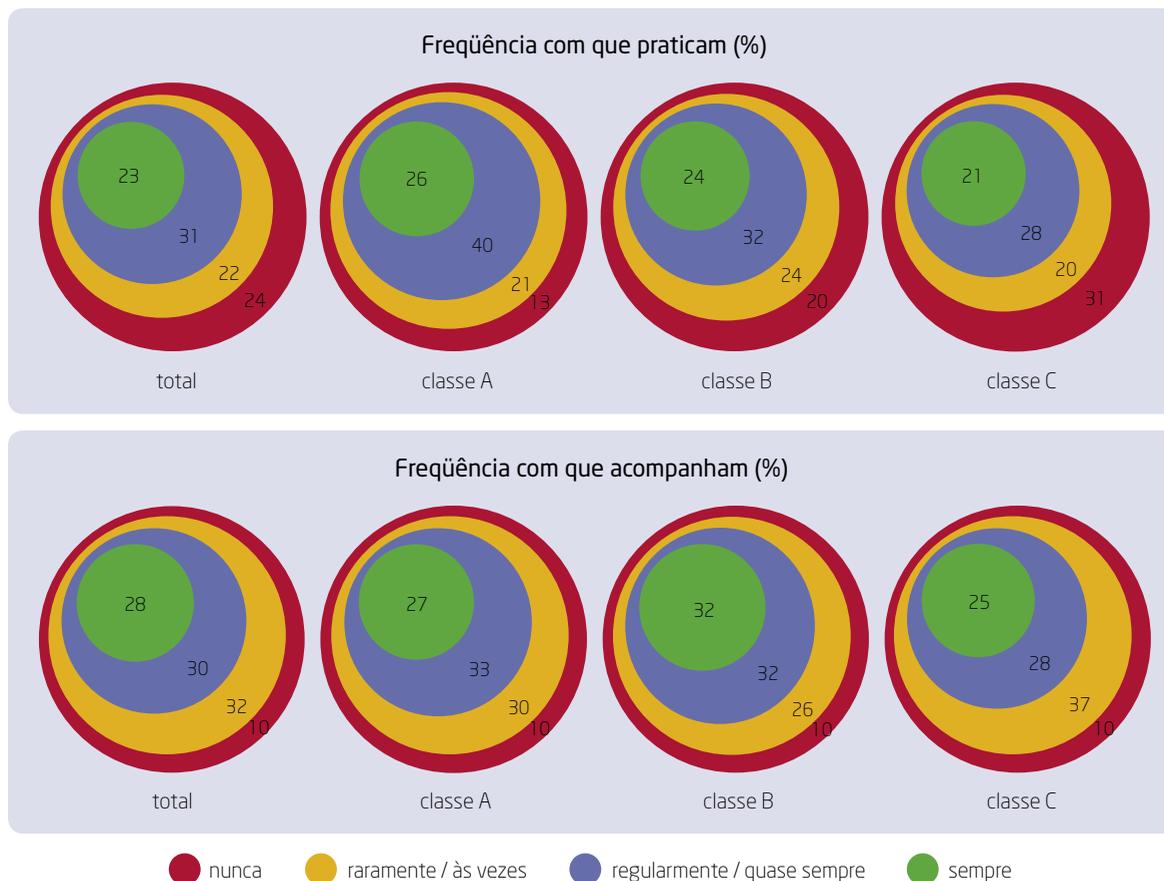
A motivação para praticar é considerada diferente da motivação para assistir, já que a prática é um ato ativo e assistir, passivo. Praticar ou assistir proporciona “emoções diferentes”.

O prazer de assistir a competições também é composto por um conjunto de aspectos, segundo os entrevistados. Os principais são: há uma projeção nos atletas em campo; assistir favorece uma atitude crítica por parte do torcedor; é um estímulo para querer praticar; é importante para assimilar os aspectos técnicos do jogo; e, por fim, ajuda a conhecer as regras.

A seguir, apresentamos os resultados da pesquisa relativa ao modo como os brasileiros se relacionam com a prática do esporte e, paralelamente, como assistem e acompanham o esporte nos estádios e na mídia.

### Luta de classes

A classe econômica é uma variável importante para definir o relacionamento individual com o esporte. Quanto mais alto o nível socioeconômico, maior a frequência com que os brasileiros praticam esportes. Naturalmente, como a prática esportiva pressupõe maior disponibilidade de meios - equipamentos, tempo, aluguel de quadras e campos esportivos - a penetração de pessoas que assistem é maior do que a de pessoas que praticam. Note-se, na tabela a seguir, que o maior número de pessoas que declaram não praticar nunca é da classe C, 31% do total:

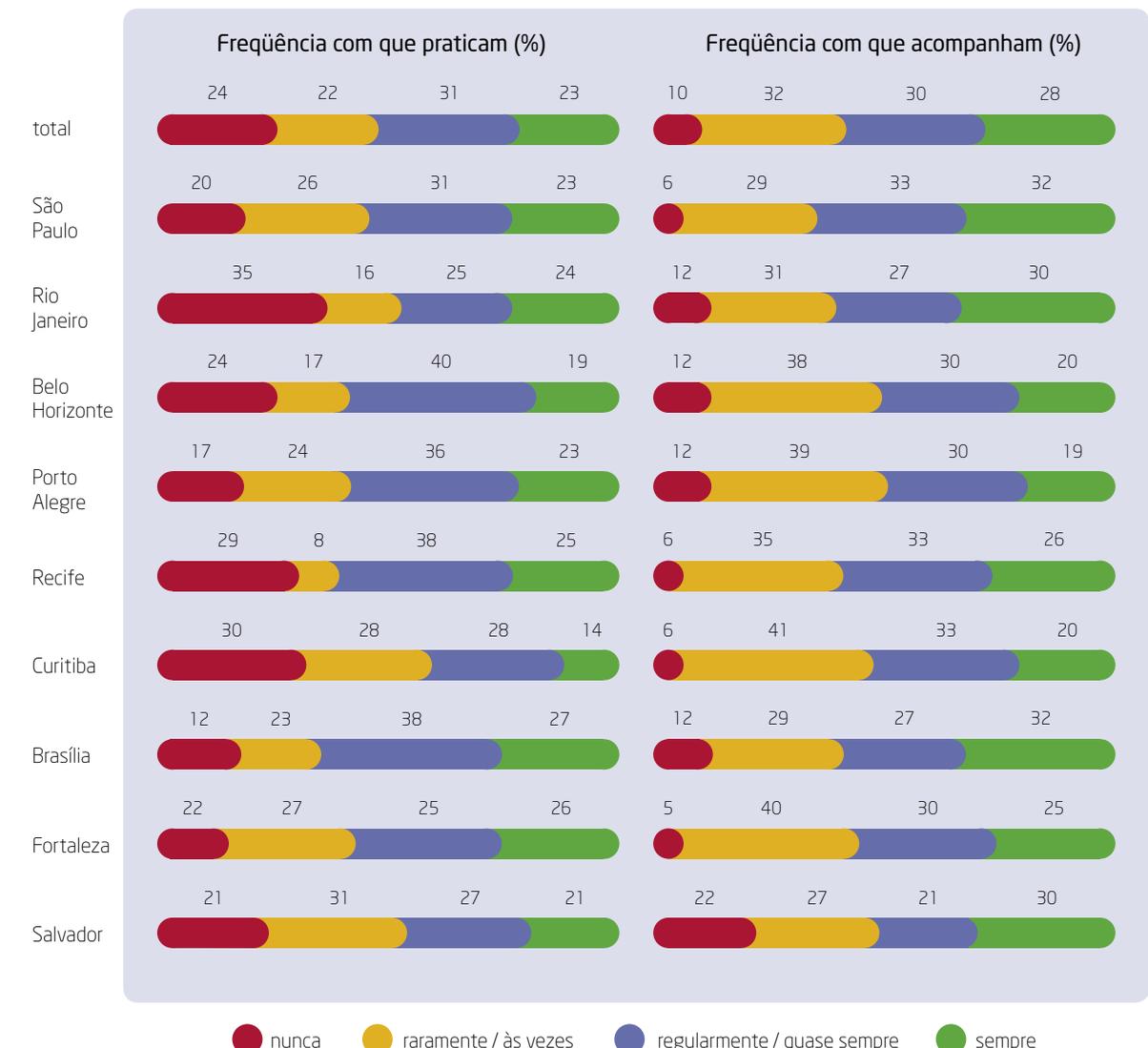


### Sempre, nunca, de vez em quando

A prática esportiva é forte e bastante difundida nos principais mercados, mas Brasília se destaca, com 27% da população praticando sempre. A tabela a seguir permite ver a frequência com que os brasileiros dos nove mercados pesquisados se dedicam ao esporte. Chama a atenção o Rio de Janeiro, onde

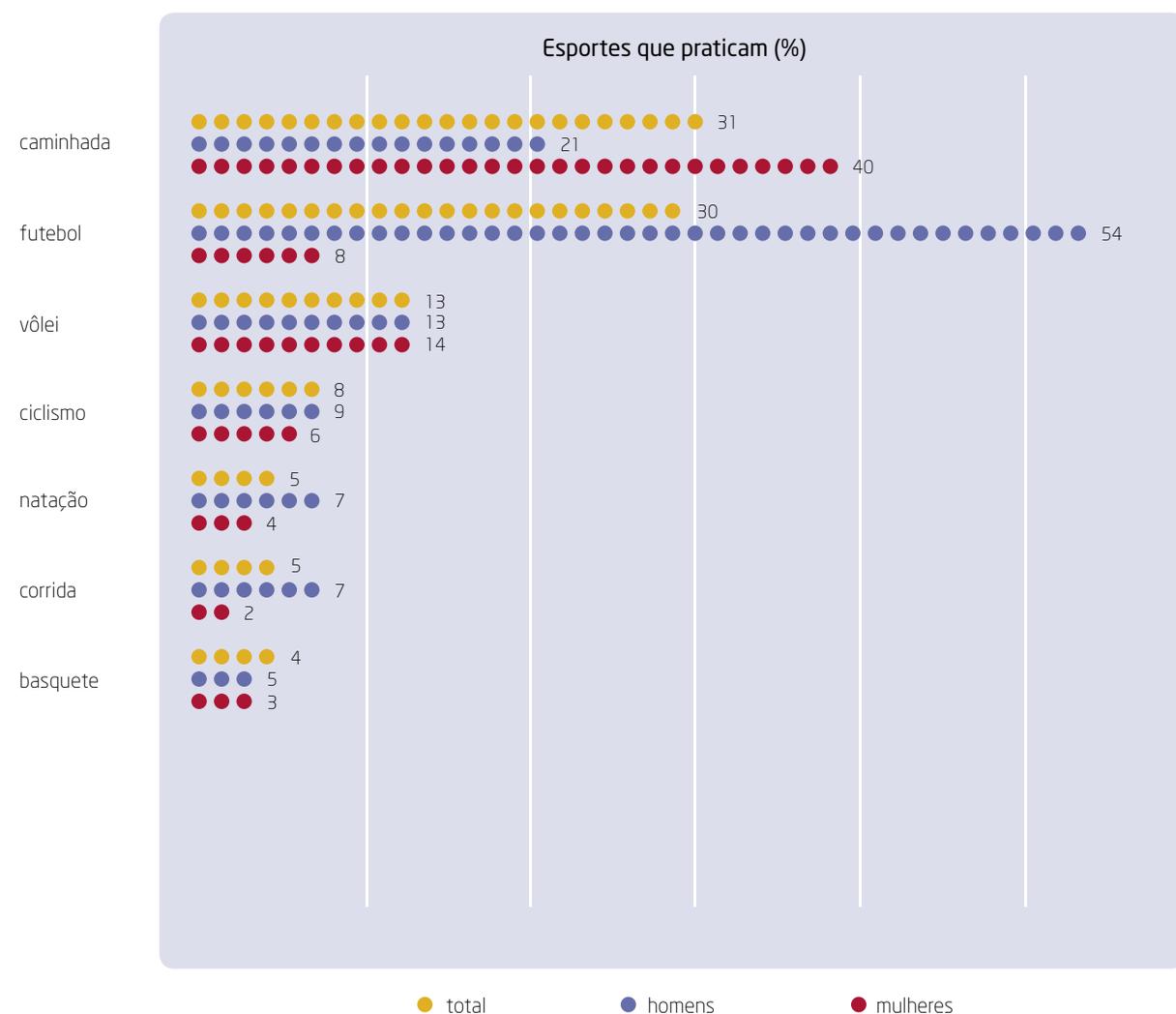
35% das pessoas afirmam nunca praticar (desses, 66% são mulheres, das quais 92% são das classes B e C).

Brasília e São Paulo são as praças com o maior número de pessoas acompanhando esporte pela mídia com regularidade (32% sempre ou quase sempre). A capital baiana, Salvador, tem o maior percentual de pessoas que nunca assistem a esportes (22%).



## Caminhar é viver

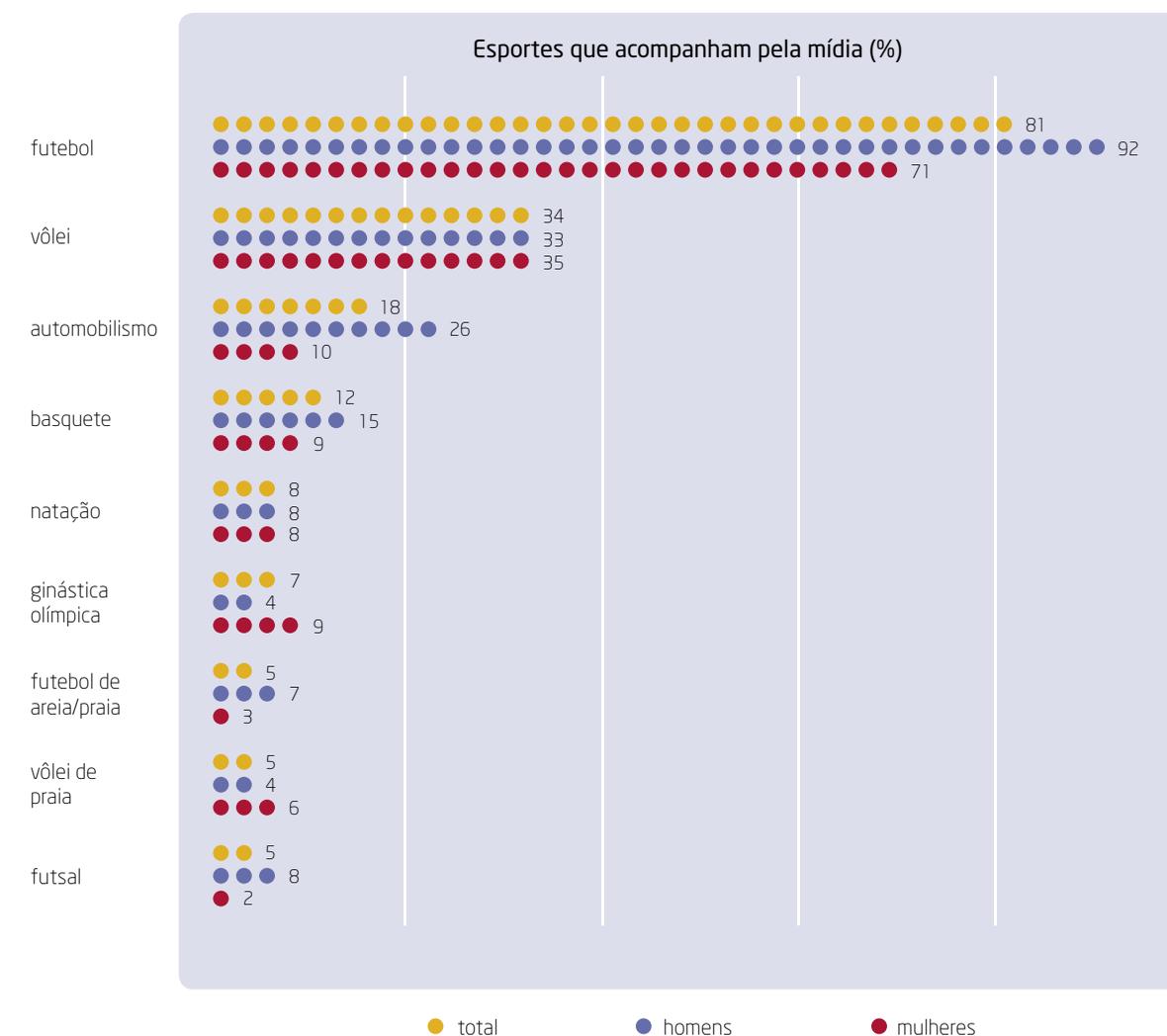
Os brasileiros são grandes adeptos da caminhada (31%) e gostam de jogar futebol (30%). Separados homens e mulheres, nota-se que 54% dos homens têm o futebol como sua prática esportiva número 1, enquanto as mulheres são maioria na caminhada (40%). O vôlei vem em terceiro lugar.



Fonte: Fase Quantitativa - total da amostra / resposta espontânea

## Na mídia, esporte é bola na rede

A esmagadora maioria dos brasileiros que acompanham esporte pela mídia prefere futebol (81%), o campeão absoluto de audiência. Mas outros esportes, como vôlei e automobilismo, também são bastante seguidos no chamado país do futebol.



Fonte: Fase Quantitativa - total da amostra / resposta espontânea

## O país do futebol

Os números confirmam: o futebol é o esporte mais seguido por homens e mulheres. Todos os homens declararam acompanhar futebol ao longo da vida. Entre as mulheres, o interesse varia segundo a faixa etária e a classe social:

- **Homens**  
O futebol exerce grande atração e provoca forte envolvimento. Todos têm o futebol como assunto de conversa, torcida e consumo na mídia. A maioria assiste a jogos de campeonato, independentemente dos times, e segue programas esportivos de debates e entrevistas.
- **Mulheres**  
A maioria assiste, mas prefere seguir seus próprios times e jogos da seleção brasileira. Em muitos casos, as mulheres assistem junto com homens (namorado, marido, filhos). Algumas assistem a programas esportivos de debates e entrevistas. O maior envolvimento feminino com o futebol se dá entre adolescentes e jovens até 21 anos das classes A/B. O menor, entre jovens de 18 a 21 anos da classe C, e mulheres em geral entre 30 e 40 anos.

## De pai para filho desde...

O futebol tem raízes profundas no imaginário e na cultura brasileira, reconheceram os entrevistados nas discussões em grupo. É uma tradição do universo masculino. Os motivos principais para isso seriam:

- Na origem, o futebol era um esporte apenas masculino e ainda mantém características bem viris, como certa agressividade e violência.
- Para muitos brasileiros, o futebol é ritual de iniciação dos filhos homens: os garotos ganham uniforme do time ainda bebês.
- O futebol serve como passaporte de entrada e aceitação no mundo masculino.
- Para muitos pais, participar dos rituais ligados ao futebol em companhia do filho - ir ao estádio, torcer - é também um modo de demonstrar a felicidade por ter um filho homem.
- Não raro, os pais profetizam para o filho recém-nascido uma carreira como jogador de futebol.

Fonte: Fase Discussões em Grupo

## A rejeição no esporte

Nem todos os esportes agradam a todos e algumas modalidades são particularmente rejeitadas, seja para praticar, seja para acompanhar pela mídia. Nas entrevistas quantitativas, 29% das pessoas disseram não rejeitar

a prática de nenhum esporte, e 43% disseram não rejeitar seguir pela mídia qualquer esporte. O boxe, de modo talvez previsível, é o esporte mais rejeitado. Abaixo, percentuais e projeção, para os nove mercados pesquisados, do número de pessoas que rejeitam praticar ou acompanhar esporte:

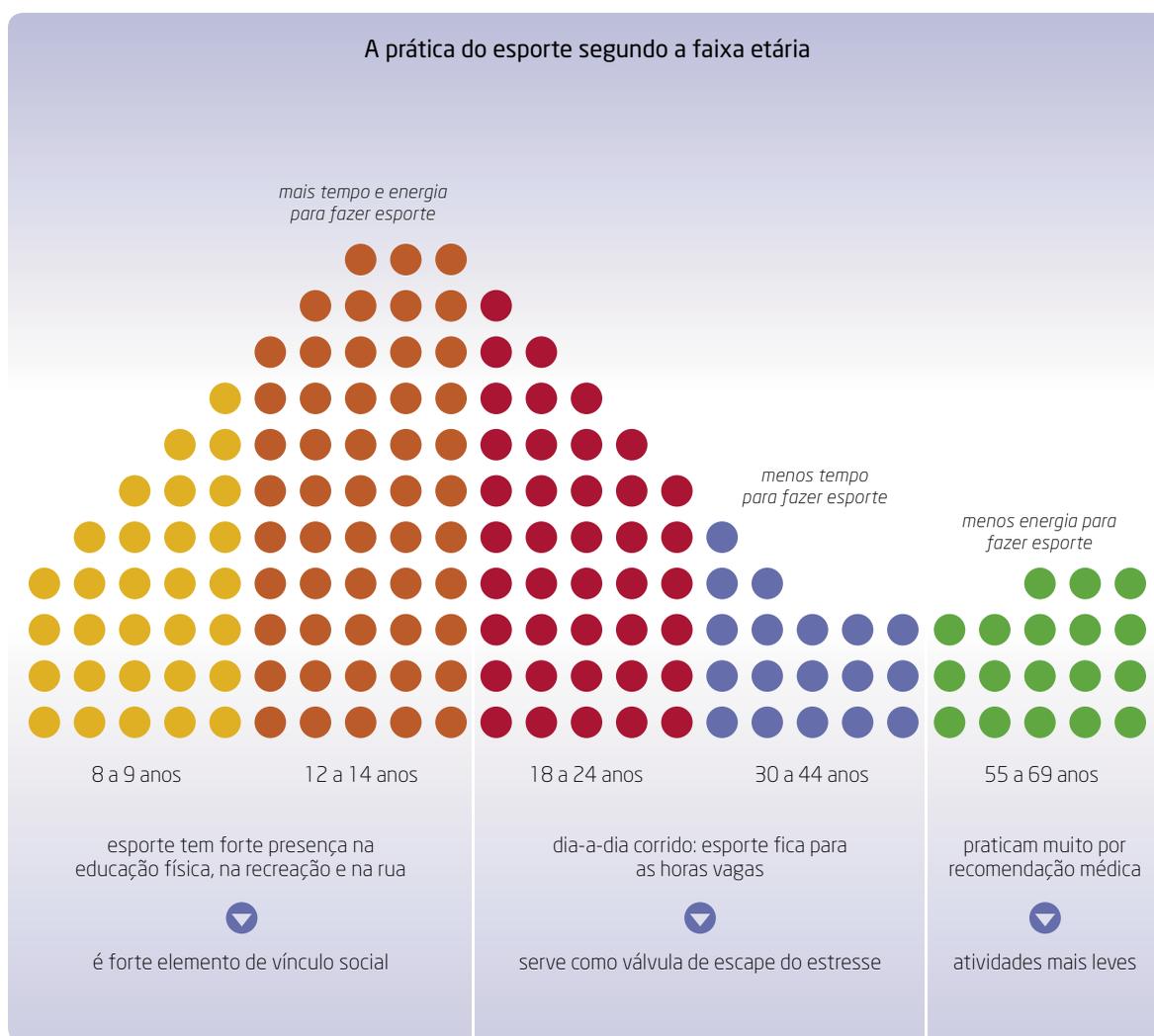


Fonte: Fase Quantitativa - total da amostra

## COMO O BRASILEIRO PRATICA

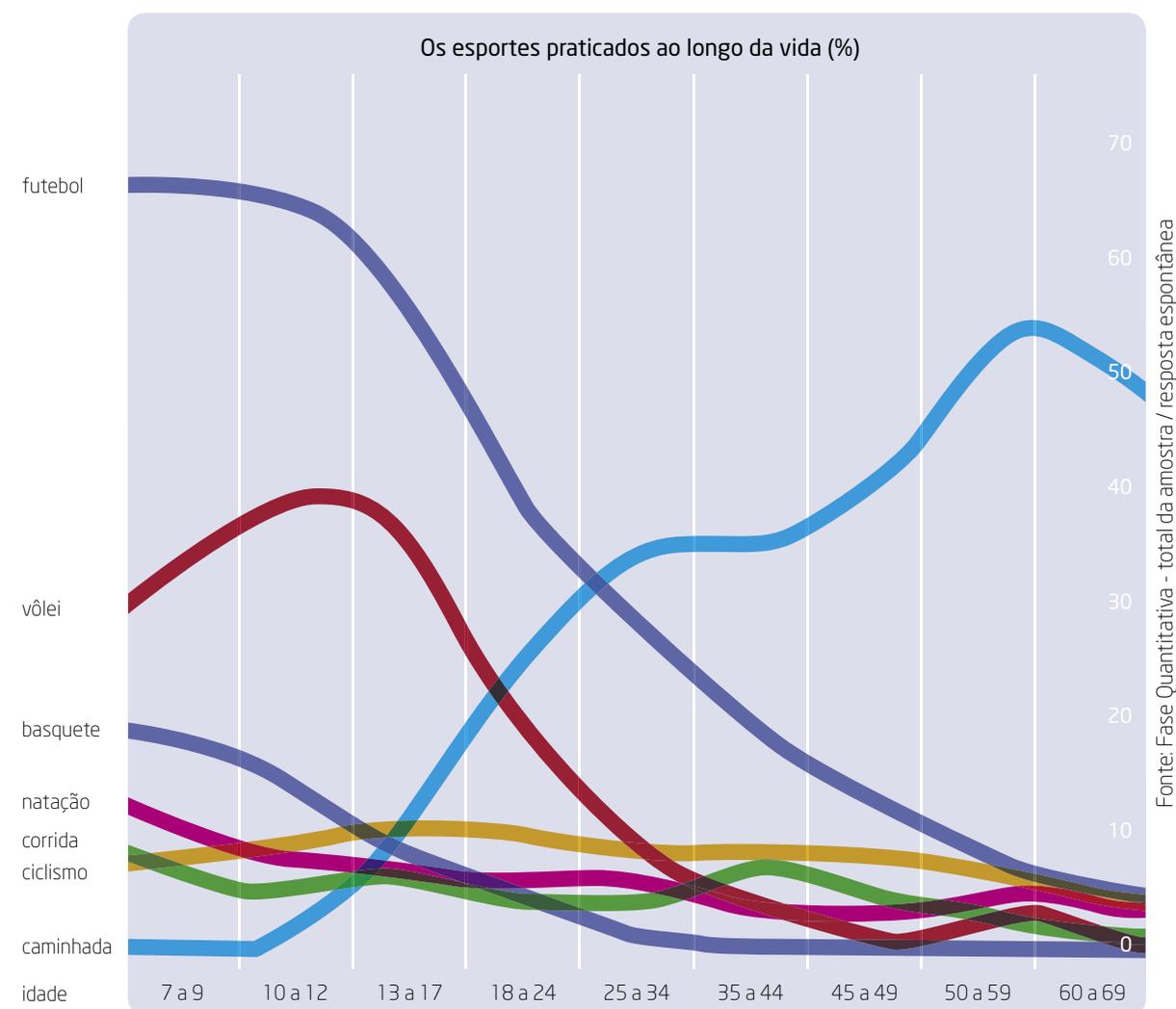
### A prática ao longo da vida

O esporte está presente na vida das pessoas da infância à terceira idade, mas a relação com a prática muda de intensidade e significado em cada fase, segundo os depoimentos capturados nas discussões em grupo.



## O esporte de cada idade

Na pesquisa quantitativa, apurou-se que a prática de esportes diminui no decorrer da idade em relação a todas as modalidades. A caminhada apresenta uma relação inversa: quanto mais elevada a faixa etária, mais freqüente é a prática da caminhada entre os que fazem alguma atividade física.



## Praticar: o gosto de cada gênero

Homens e mulheres, diferentes em muitas coisas, são diferentes também ao escolher o seu esporte, em cada faixa

etária. A partir dos 24 anos, caminhar passa a ser a atividade física mais comum para as mulheres. Só a partir dos 45 anos os homens, boleiros declarados, afirmam ter como principal atividade física a caminhada:



Fonte: Fase Quantitativa - total da amostra / resposta espontânea

## As boas influências

A motivação da escolha do esporte varia em cada faixa etária, com as opções mais decisivas efetuadas na infância e na adolescência:

## A motivação dos profissionais

A seguir, dois testemunhos de profissionais do mundo esportivo sobre o que motiva e estimula as pessoas na prática do esporte:

- 8 a 14 anos  
A introdução ao universo do esporte se dá pela educação física na escola. Os amigos são um exemplo a ser imitado, as preferências dos pais às vezes são copiadas e, mais ainda, é forte a inspiração proporcionada pelos ídolos e campeões esportivos.
- 18 a 21 anos  
Alguns mantêm os esportes adotados na educação física, mas a prioridade passa a ser o jogo em família ou com os amigos como forma de se socializar.
- 30 a 44 anos  
Os homens, sobretudo, mantêm seus hábitos esportivos da juventude. A prática esportiva passa a ter importância para manter a boa forma, a saúde e o contato com a natureza.
- 55 a 69 anos  
Poucos mantêm os hábitos esportivos da juventude. Priorizam o bem-estar físico e mental, uma recomendação médica a ser seguida.

Fonte: Fase Discussões em Grupo

“Meu pai e minha mãe foram fundamentais na minha carreira. Meu pai fez uma pista de skate para mim dentro da empresa”

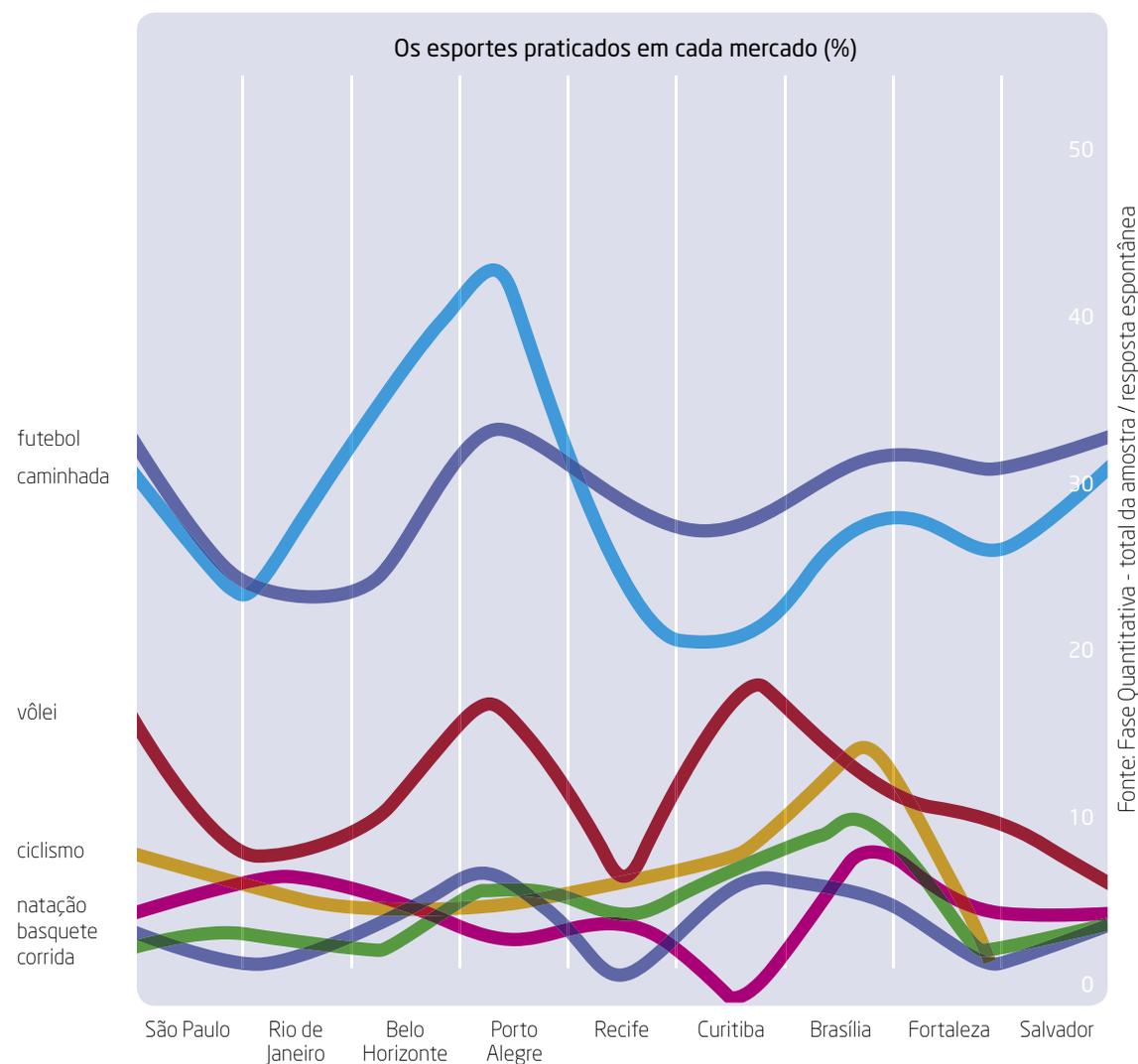
**Sandro Dias**, skatista

“O profissional nasce amador, sem ganhar nada e sem ajuda. Ao descobrir que gosta do que faz, é que decide se profissionalizar. O amador não tem compromisso com o resultado, apenas com a prática. O profissional tem um compromisso de vida, de resultados e de renda”

**José Carlos Brunoro**, consultor de marketing esportivo

## As preferências regionais

A pesquisa revelou que os brasileiros praticam sobretudo dois esportes, caminhada e futebol, ambos difusos em todo Brasil e com particular destaque em Porto Alegre. O vôlei tem maior força em Curitiba e Porto Alegre. Já a capital federal destaca-se no ciclismo.

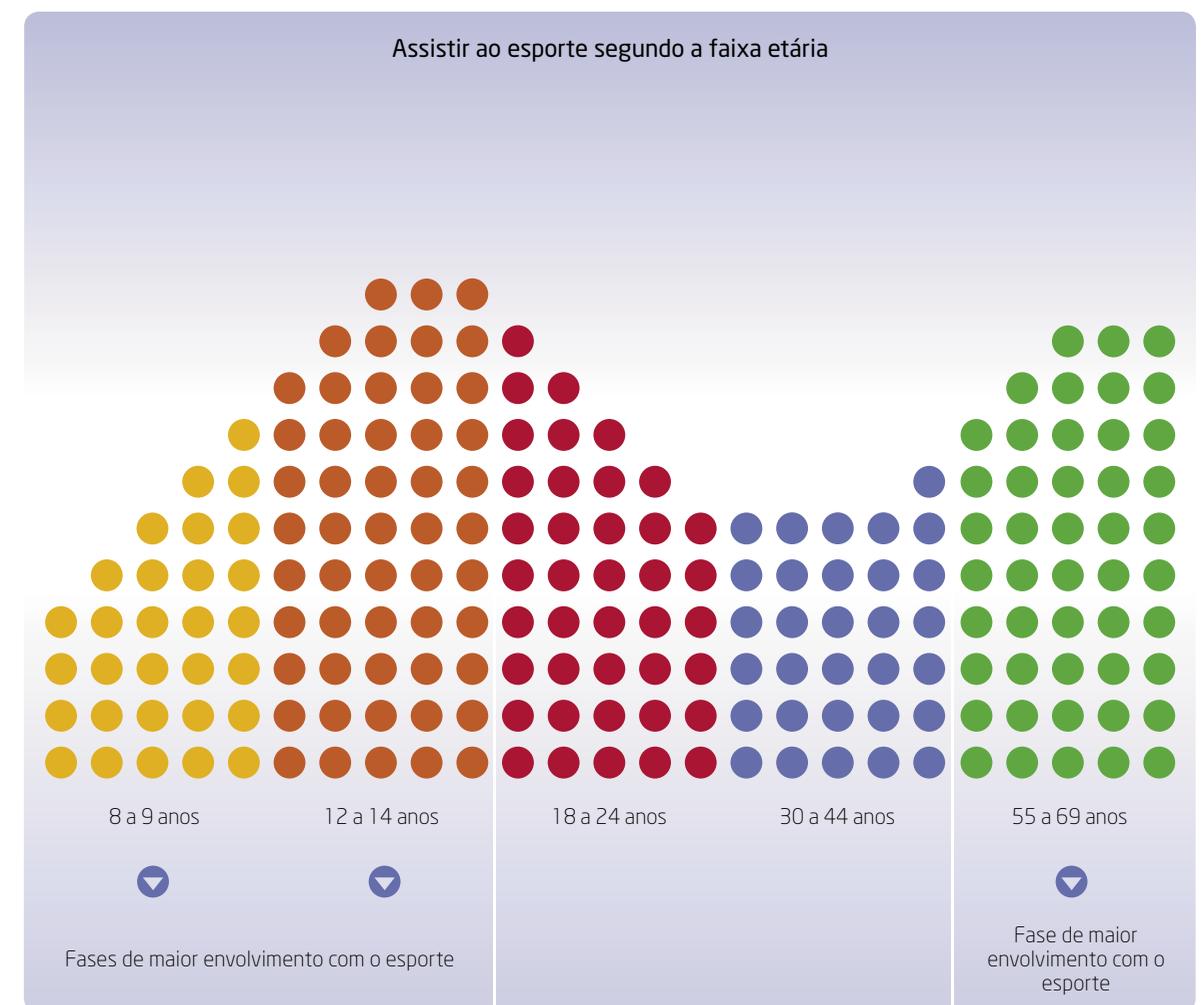


## COMO O BRASILEIRO ASSISTE

### O assistir ao longo da vida

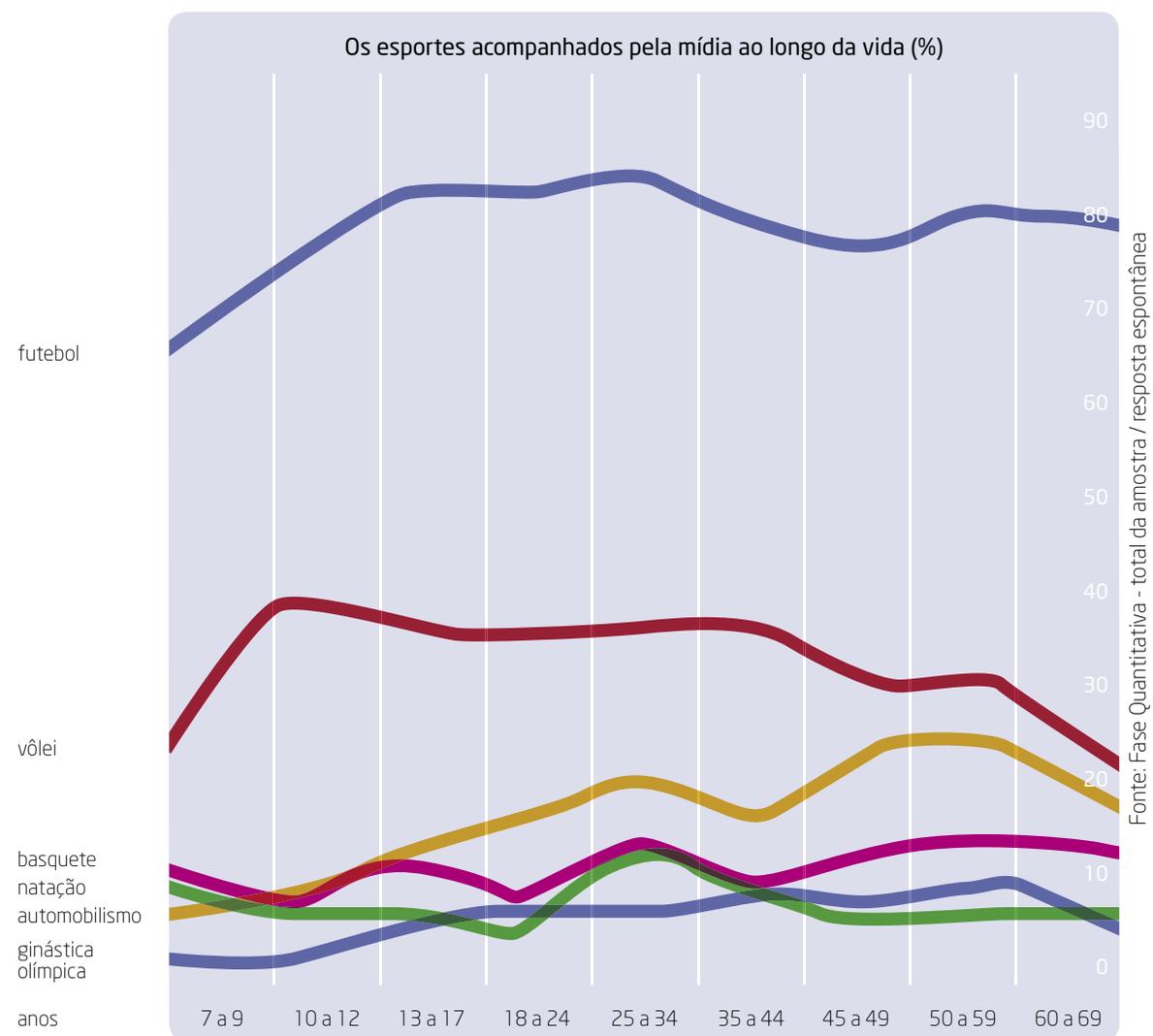
Como vimos, a prática esportiva é mais intensa na juventude (12 aos 24 anos) e, a partir daí, é marcada por uma linha descendente constante, incluindo as pessoas em plena forma e no auge da

carreira (30 a 44 anos). Mas a curva do consumo do esporte como espectador ou pela mídia é diferente: também apresenta uma tendência de queda a partir dos 24 anos, mas volta a subir na maturidade, quando se tem mais tempo à disposição. Veja abaixo o gráfico do acompanhamento do esporte ao longo da vida, comparado com a prática:



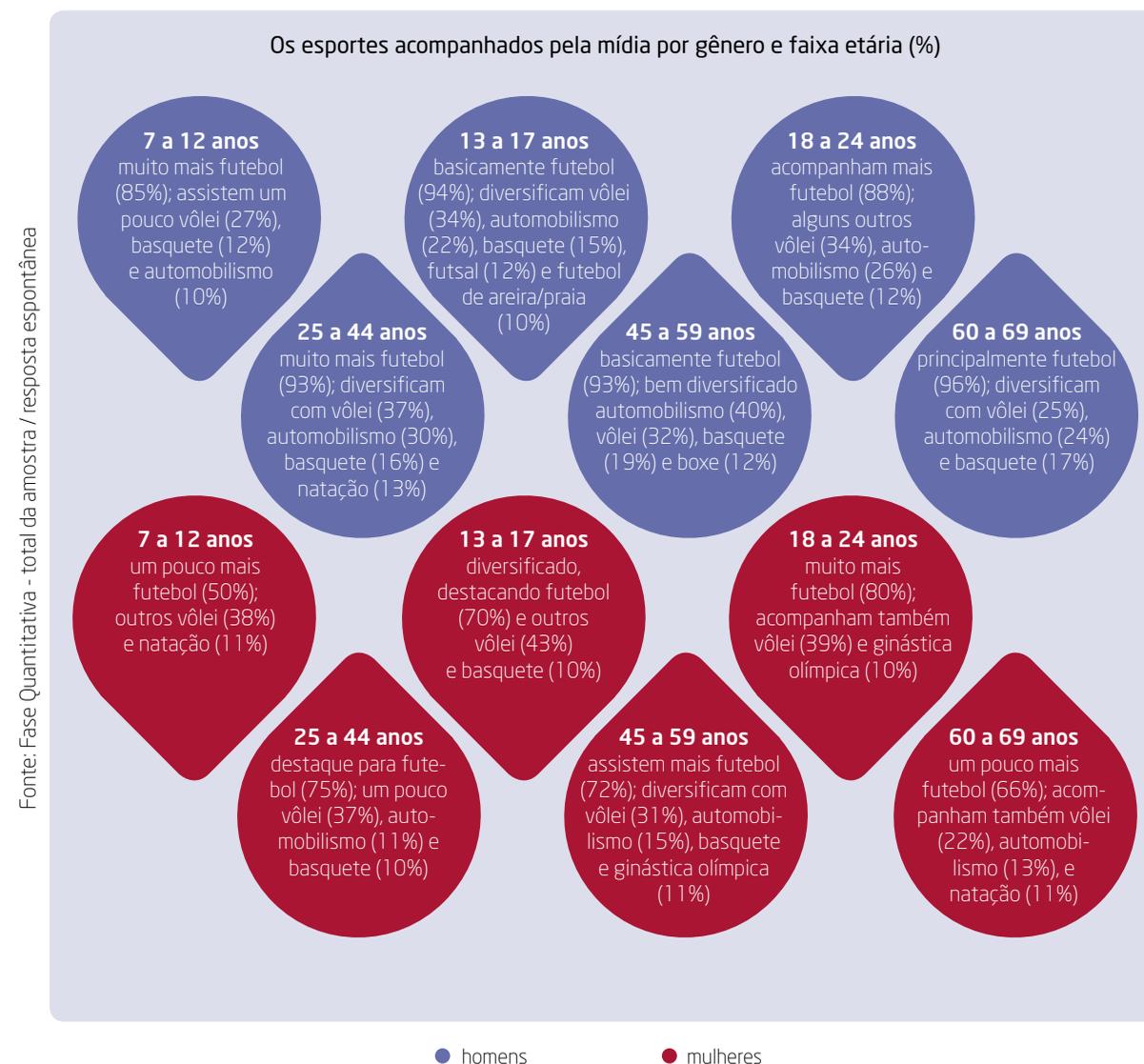
## O assistir em cada idade

Os brasileiros gostam de acompanhar sobretudo futebol, como era de se esperar, seguido de vôlei e automobilismo. Essas são as grandes preferências nacionais, mas, em termos de audiência, as faixas etárias não apresentam grandes variações.



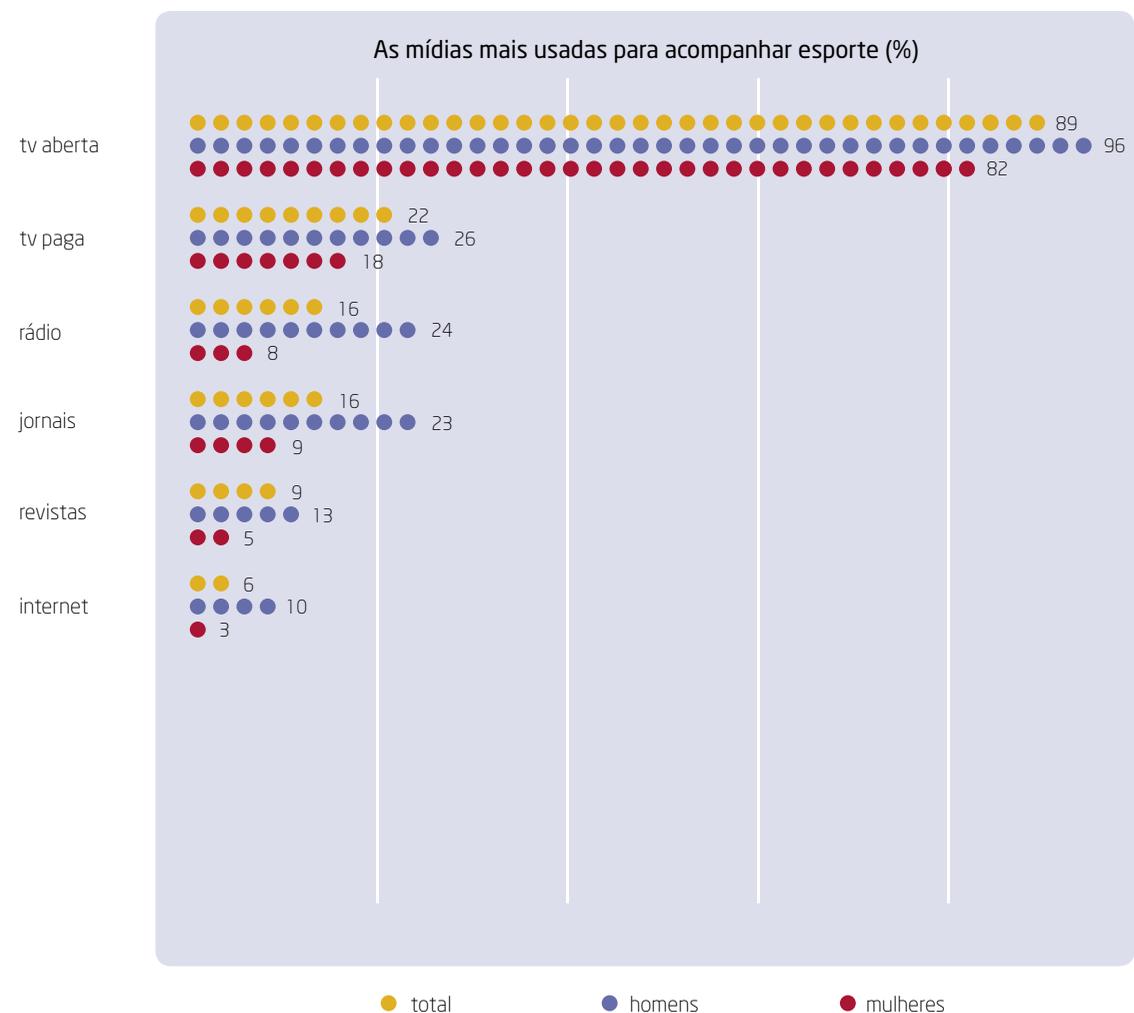
## Assistir: o gosto de cada gênero

Praticamente todos os entrevistados, homens e mulheres, declararam assistir ou acompanhar esportes. Entretanto, a faixa etária determina um maior ou menor envolvimento de homens e mulheres.



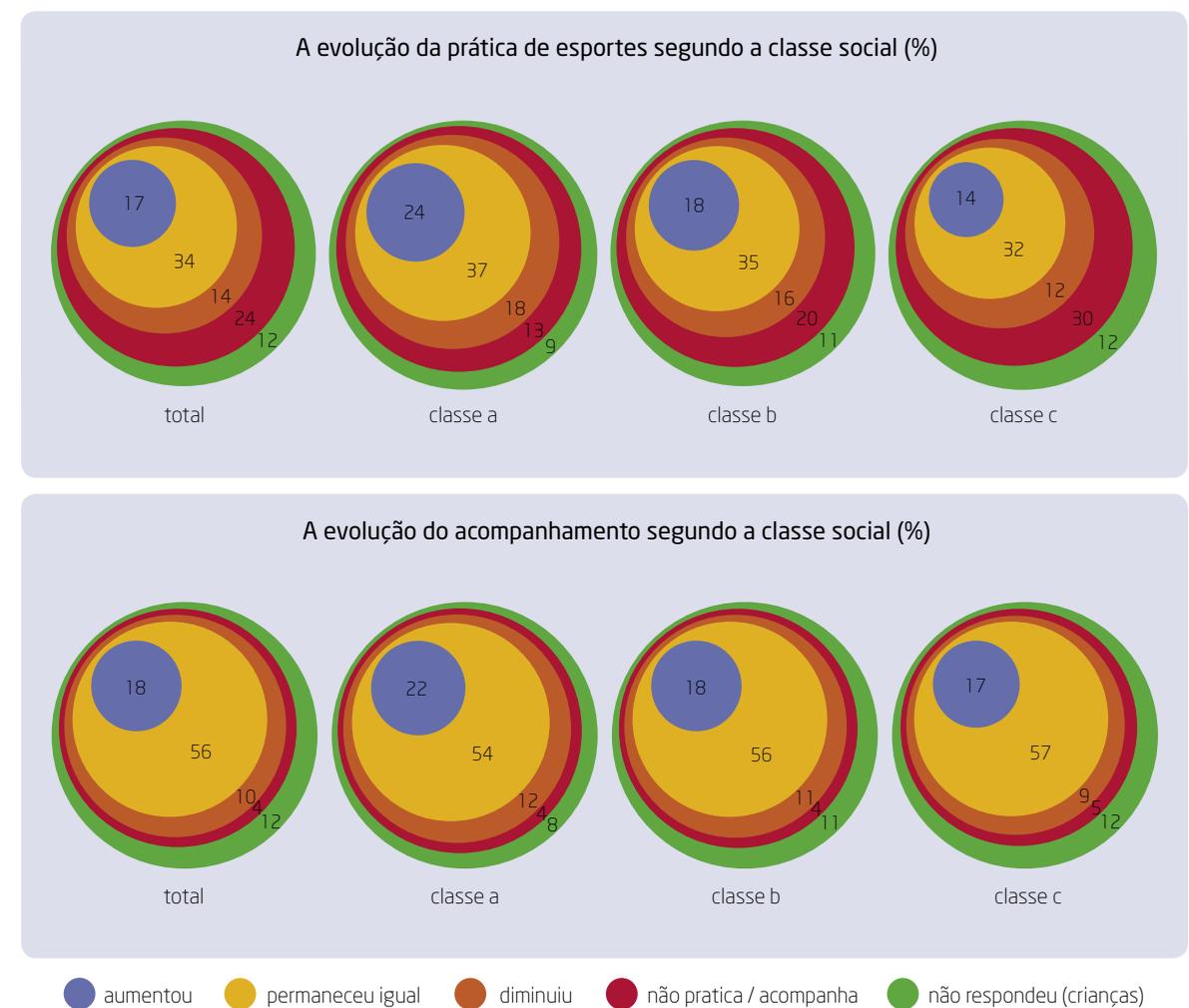
## O meio é a mensagem

Como era de se esperar, a TV aberta é o meio de comunicação mais utilizado para acompanhar esporte (para 89% das pessoas), mas o rádio também tem sua importância (para 16% da população). A TV paga já se tornou o segundo veículo de comunicação mais usado por quem acompanha esporte pela mídia, com 22% do total.



## Aumenta a prática, aumenta a audiência

Embora não se tenha histórico sobre a prática de esporte - esta é a primeira pesquisa do gênero -, a percepção que resulta das entrevistas quantitativas é de aumento. Essa tendência aparece também no acompanhamento pela mídia em geral, com destaque para a classe A (veja os gráficos abaixo):



## OS BENEFÍCIOS DO ESPORTE

### Esporte faz bem para...

Segundo o apurado nas discussões em grupo e nas entrevistas realizadas na fase quantitativa com o total da amostra, a prática de esporte proporciona benefícios evidentes em três vertentes: saúde (física e mental), diversão e socialização. E 80% dos entrevistados mencionaram “a boa disposição no dia-a-dia” que o esporte proporciona, além de melhorar a auto-estima (“cuidar de si”) e a qualidade de vida em geral.

Além disso, consideram que o esporte melhora a saúde física porque “faz bem para o corpo, melhora o funcionamento dos órgãos, dá mais energia, respira-se melhor” (83%); “desenvolve a habilidade motora e o condicionamento físico” (82%); “previne doenças e aumenta a longevidade” (76%, com ênfase entre os entrevistados maduros); “permite a superação dos limites do próprio corpo” (mencionado por adolescentes).

O esporte melhora a saúde mental porque “proporciona sensação de liberdade, bem-estar, relaxamento, leveza, prazer, um cansaço bom” (79%); “é uma válvula de escape dos problemas, uma terapia” (73%); “constitui um espaço pessoal para descarregar o estresse” (mencionado por homens de 30 a 44 anos).

O esporte representa diversão e socialização, segundo 75% dos entrevistados, porque “fazer esporte

com amigos gera clima de descontração e alegria, proporciona prazer e relaxamento, estimula novas amizades”.

Nas discussões em grupo, foram enfatizados por faixa etária os seguintes benefícios lúdicos e sociais da prática esportiva:

- Crianças (8 a 12 anos)  
“O esporte é muito importante”;  
“bom para brincar e se relacionar com os amigos”
- Adolescentes (13 a 18) anos  
“Facilita a integração social”;  
“ajuda a ser aceito nos grupos”
- Maduros (55 a 59 anos)  
“Evita o isolamento”; “ajuda a permanecer inserido na sociedade”

### Os profissionais e os benefícios do esporte

Atletas, acadêmicos e jornalistas, ouvidos nas entrevistas em profundidade, tendem a ter uma visão dos benefícios gerados pelo esporte semelhante à da população em geral.

Consideram principais duas vertentes de benefícios, no campo das vivências e no campo dos aprendizados, com benefícios específicos para profissionais e amadores. As políticas sociais também têm um aliado na prática esportiva,

mas há quem aconselhe não esperar demais do esporte para fins de desenvolvimento social.

Os profissionais reconhecem os seguintes atributos do esporte, no âmbito das vivências: “É uma escola de disciplina e humildade”; “estimula o respeito às regras e ao próximo”; “estimula o convívio”.

São dois, segundo os profissionais, os principais aprendizados com o esporte: “Ensina a lidar com os limites próprios e dos outros”; e “ensina a conhecer o próprio corpo”.

No vertente do aprendizado, os profissionais consideram que “o esporte tem um papel particular em estimular a atenção, a prontidão de reflexos e o raciocínio; ajuda a conviver com a diferença e a diversidade; e traz

resultados práticos na vida cotidiana, independentemente de ser praticado por profissionais ou amadores”.

Para os profissionais ouvidos, os atletas profissionais “ganham exposição na mídia e tornam-se celebridades; viajam muito; conhecem pessoas interessantes e estrangeiras; têm oportunidades que os amadores normalmente não têm”. Os atletas amadores “têm melhor disposição para o dia-a-dia; melhoram a saúde; são mais relaxados e têm melhor humor”.

Além dos benefícios pessoais que todos reconhecem (saúde, bem-estar, disciplina, equilíbrio, autoconhecimento, condicionamento físico, lazer pessoal...), os profissionais do âmbito do esporte notam os seguintes benefícios coletivos proporcionados por políticas públicas ou sociais relacionadas ao esporte (*veja na página seguinte*).

“O tênis não era nada até o Guga surgir, aí chegou à TV a cabo, à TV aberta, ele virou ídolo, aumentou o número de escolas e praticantes”

*Thaya Marcondes,  
publicitária*

- O esporte é ferramenta de educação.
- É instrumento de inclusão social.
- Possibilita a ascensão social.
- Preserva a união da família.
- Permite ao Estado economizar com gastos em saúde.
- Ajuda a controlar a violência e o crime.

“Uma estimativa da ONU diz que para cada dólar aplicado no esporte público economizam-se 2 dólares e meio em custos de segurança e proteção dos adolescentes”

**Arialdo Boscolo,**  
presidente da  
Confederação Brasileira  
de Hóquei

Eis o que dizem um antropólogo, um economista e um dirigente esportivo sobre os benefícios do esporte:

“Uma das coisas mais impressionantes da prática esportiva – e aí está incluído o xadrez – é o fato de você aprender a perder, o que significa aprender a aceitar regras”

**Roberto DaMatta,**  
antropólogo

“Está provado que esportes ajudam a diminuir a alienação das crianças em famílias carentes e problemáticas e contribuem para afastar o risco das drogas e da violência”

**Istvan Kasznar,**  
professor da FGV

### Esporte faz mal para...

Os entrevistados na pesquisa quantitativa e os profissionais ouvidos nas entrevistas em profundidade notam em graus diferentes alguns riscos no hábito de praticar esportes. A população em geral tem mais dificuldade para

perceber riscos (ou malefícios) do que benefícios. Entretanto, a possibilidade de praticar esporte sem orientação técnica especializada é o aspecto negativo que mais se destaca, pelos riscos potenciais que oferece à saúde, segundo a maior parte (62%) dos entrevistados.

praticar sem orientação profissional causa problemas

pessoas que exageram no esporte acabam tendo contusões, fraturas

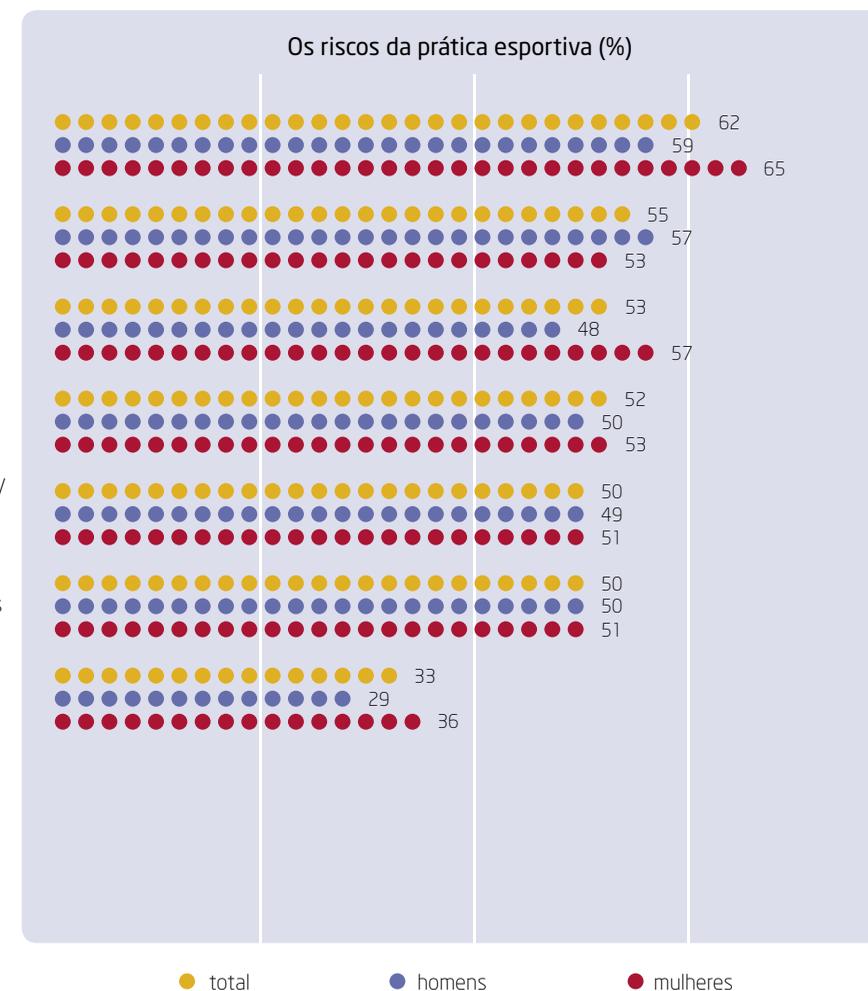
pessoas que praticam esportes de forma exagerada ficam obcecadas

praticar sem regularidade faz mal para a saúde

é comum o uso de anabolizantes/ produtos químicos para melhorar o desempenho

é comum o uso de anabolizantes/ produtos químicos para ficarem mais bonitos

esporte causa dependência / vicia



“A mídia influencia tudo, até a prática de esporte. Você sonha e se projeta no que vê. Quantos de nós, quando garotos, terminado um jogo de Copa do Mundo, não saíam de casa para o playground do prédio ou o quintal para fazer linha de passe? Naquele momento, o País ficava cheio de Rivelinos e Jairzinhos”

**Fábio Fernandes,**  
publicitário

Os profissionais ouvidos consideram os aspectos negativos do esporte de modo distinto para profissionais ou amadores, e de ordem física e psicológica.

Para atletas amadores, as ameaças vêm sobretudo pelo excesso de esforço nos fins de semana.

Para atletas profissionais, os riscos são possíveis problemas físicos decorrentes do excesso de prática:

- Lesões torcionais ou musculares.
- Para os que utilizam os membros inferiores, riscos ao tornozelo e joelho.
- Para os que utilizam os membros superiores, riscos ao ombro e cotovelo.
- Boxe: riscos de lesões cerebrais.

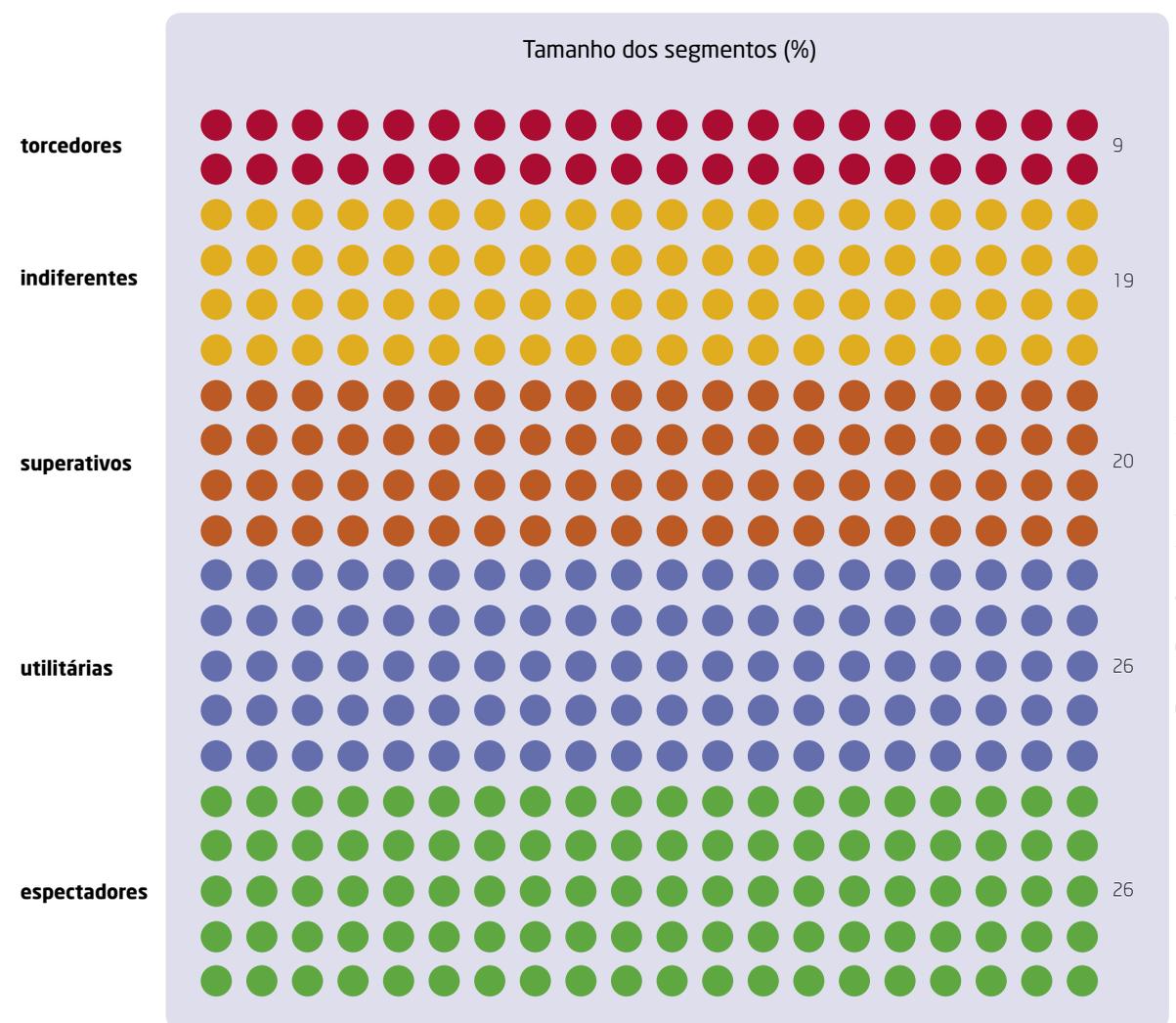
Para ambos, profissionais e amadores, os males psicológicos possíveis são:

- Dependência psicológica em relação à prática esportiva.
- Busca obsessiva do prazer físico e da auto-estima.
- Culto do narcisismo.

## O BRASILEIRO E O ESPORTE: SEGMENTAÇÃO

### As cinco tribos do esporte

O universo da pesquisa pode ser dividido em cinco segmentos, segundo a atitude em relação à prática e ao acompanhamento do esporte: espectadores, superativos, indiferentes, utilitárias e torcedores (veja gráfico abaixo e descrição dos grupos a seguir).



“Assistir a esportes pela TV é uma atividade que me dá muito prazer”

**Espectadores (89%)\***

“Esporte para mim está relacionado à saúde”

**Utilitárias (91%)**

“Gosto da sensação de esforço que o esporte me proporciona”

**Superativos (90%)**

“Penso em assistir a esportes quando há quebra de recordes”

**Indiferentes (10%)**

“Sou tão ligado em esportes que acabo prejudicando o convívio”

**Torcedores (49%)**

\*Porcentual de pessoas de cada perfil que declara concordar totalmente ou concordar com a frase.

“Dá licença que o controle remoto é meu!”

26% dos entrevistados

H M

59% de homens

A B C

51% classes A/B

Perfil 1

**ESPECTADORES**

A maioria nunca pratica esporte, mas 96% sempre acompanham pela mídia. Outros 39% trabalham fora em tempo integral, são casados, maduros e com filhos. Para eles, esporte é sinônimo de “lazer, diversão, prazer”. E 36% têm o hábito de acompanhar esporte pela mídia sozinhos, sem necessariamente a companhia de alguém.

“Saúde é o que interessa”

26% dos entrevistados

H M

82% de mulheres

A B C

50% classes A/B

Perfil 2

**UTILITÁRIAS**

Muitas donas de casa, concentração de 25 a 34 anos, com filhos. Lazer típico é caminhar. Praticam e acompanham esporte de forma moderada. Alta rejeição a futebol e boxe. A frequência da prática é pulverizada no grupo, mas as que praticam o fazem com alta participação “porque faz bem ao corpo”.

“Tem de malhar, tem de suar, vamos lá...”

20% dos entrevistados

H M

81% de homens

A B C

60% classes A/B

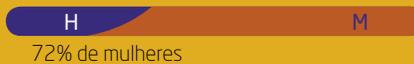
Perfil 3

**SUPERATIVOS**

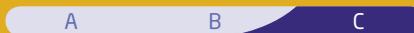
Os superativos são os que mais acessam a internet (65%) e TV paga (29%). Muitos solteiros, jovens, estudantes, forte presença paulista. Ativos socialmente: freqüentam clubes, danceterias, parques, jogam videogames. São torcedores e gostam de assistir a programas sobre esportes. O esporte que mais praticam é o futebol, seguido de vôlei, natação, musculação e handebol.

“Esporte? Me inclua fora dessa”

19% dos entrevistados



72% de mulheres



53% classe C

Perfil 4

## INDIFERENTES

Muitas das indiferentes são de meia-idade, com filhos. As donas de casa são 23%. A maioria nunca acessa a internet (72%) e não possui TV paga. É o grupo menos envolvido com o esporte: 50% nunca praticam, 35% nunca acompanham. Só dão atenção ao esporte (quanto dão) “para não ficar por fora”. Não tencionam praticar esporte (28%) nem acompanhar (25%).

“Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença”

9% dos entrevistados



Equilíbrio entre homens e mulheres



52% classe C

Perfil 5

## TORCEDORES

Concentração de cariocas (46%). Para estes, o esporte constitui atividade social e de lazer sobretudo através da torcida (mais da metade faz promessa para o time ou ídolo ganhar). E 33% praticam algum esporte uma ou duas vezes por semana “como obrigação”, principalmente futebol e caminhada. Pouco adepto de atividades de lazer de caráter cultural. É o grupo que se mostra mais sensível à propaganda e às marcas que patrocinam seus times e ídolos.

## PUBLICIDADE & PATROCÍNIO

### O valores positivos

A percepção a respeito de patrocínios e publicidade no esporte é altamente positiva e valorizada. Nos grupos, emergiram as seguintes afirmações:

- Trata-se de incentivos necessários, já que muitos atletas não têm condições de bancar seus custos.
- Há uma carência evidente de ajuda oficial (pública).
- Infelizmente, atletas só obtêm patrocínio quando já se destacaram, falta apoio a talentos no início da carreira.
- A distribuição é desigual: alguns atletas e esportes têm muito, outros têm pouco.

As marcas que dão nome a times ou torneios (por exemplo, Copa Toyota) dão a impressão de que fazem grandes investimentos, o que é valorizado. Entretanto, há nuances na percepção do efeito do patrocínio quando se trata de times ou campeonatos. Alguns entrevistados temem que um time possa perder identidade ou ter seu nome tradicional ofuscado por uma marca, enquanto o batismo de um campeonato em nada afeta os valores associados aos times que dele participam.

“O patrocínio é importante no mundo inteiro, para os clubes e para os patrocinadores. O dinheiro do patrocínio mantém salários em dia, financia centros de treinamento, mantém atletas, gera equipes melhores. Para algumas categorias, se não há patrocínio não há esporte”

*Paulo Carmossa, publicitário*

“Quanto mais a mídia mostra, mais as pessoas vêem e aprendem. Quando a ginástica começou a aparecer, ninguém entendia as regras nem as competições. Hoje as pessoas sabem até como acontece uma mudança de pontos...”

*Daniele Hypólito, ginasta*

No caso de marcas associadas a times, a percepção de cariocas e paulistas é diferente. Cariocas tendem a não ver problemas: a marca chega para apoiar o time. Paulistas tendem a ser mais puristas: o ideal é não confundir times e marcas. Hipótese para tal sensibilidade: em São Paulo, o patrocínio é mais antigo, sobretudo no vôlei. As conseqüências do patrocínio, segundo as discussões em grupo, são as seguintes:

Ao consolidar os principais conceitos obtidos nas entrevistas em profundidade com os profissionais do esporte com os obtidos na fase quantitativa com o total da amostra, torna-se possível resumir em quatro pontos principais positivos e negativos as conseqüências práticas da cobertura da mídia e da sua influência sobre os atletas e a população em geral:

- É alta a lembrança, entre os brasileiros, das marcas associadas ao esporte, com destaque para nomes como Nike e Adidas.
- As empresas patrocinadoras também são muito lembradas por 84% da população. As mais associadas a essa prática são marcas mundiais de produtos esportivos, como Nike e Adidas, e empresas muito presentes no esporte, como Banco do Brasil e Petrobras.
- A relação das marcas mais conhecidas com o universo esportivo é bastante valorizada pela população. As empresas patrocinadoras são vistas como companhias de qualidade, que justamente adquirem alta visibilidade.

- Os atletas vêem a mídia como aliada na divulgação do esporte em geral e da atividade profissional do atleta em particular.
- A exposição na mídia é muito valorizada por permitir que os atletas exibam seu talento para grandes audiências e ganhem a possibilidade de ser descobertos pelos patrocinadores.
- A cobertura da mídia populariza as diversas modalidades e mobiliza o público para praticar e/ou acompanhar.
- A influência da mídia pode ser negativa em um caso: quando a exposição de um talento em crise afeta a carreira de um atleta profissional.

# “Quanto mais eu treino, mais sortudo eu fico”

**Carl Jerome “Jerry” Barber,**  
golfista profissional vencedor  
do campeonato da PGA, em 1961









A high jumper is captured in mid-air, performing a Fosbury Flop. The athlete is silhouetted against a clear, bright sky. Below the athlete, a crowd of spectators is visible, also silhouetted against the sky. One person in the crowd has their arms raised in celebration. The scene is set outdoors, likely at a sports stadium.

## Ídolos e torcidas

# A dinâmica da torcida inclui valores ancestrais, o prazer da vitória e forte simbologia

Caras pintadas, máscaras, a coragem de usar roupas e chapéus bizarros, apitos, tambores e bandeiras... A explicação para a encenação do torcedor e a euforia (ou depressão) das torcidas encontra-se, como quase tudo, nas raízes culturais da nossa civilização. A palavra atleta deriva de *atlon*, a palavra grega para prêmio ganho numa competição. No livro *O Ideal Olímpico e o Herói de Cada Dia*, o professor e escritor americano Phil Cousineau lembra que os prêmios eram ganhos em competições, e o substantivo grego para competição é *agon*, da qual deriva a palavra agonia. Treinar e competir é agonia, mas só a agonia leva ao êxtase. Em outras palavras, competir vale a pena porque o êxtase vale a agonia. O significado da palavra *extasis* é "estar fora de si".

O holandês Gerardus Van Der Leeuw, historiador das religiões, afirma que o

aspecto lúdico do esporte e os estádios são poderosas metáforas da vida. Lembrem que tudo o que se relaciona a esporte é uma espécie de teatro, que não precisa ser levado muito a sério. "O encontro de Deus com o homem, do homem com Deus, é *sacer ludi*, teatro sagrado", escreveu ele no livro *Sacred and Profane Beauty, the Holy in Art*.

Curiosamente, *agonistes* é a palavra grega tanto para competidor quanto para ator, ou seja, atletas e atores eram vistos como espíritos afins. Ambos participam de encenações nas quais se assiste ao desenrolar do destino, que se conclui com vitória ou derrota, orgulho ou vergonha, vida ou morte. Há, assim, bons motivos para o esporte ser considerado também um passatempo, no sentido de levar os torcedores para fora e além de si mesmos, ou, de modo mais nobre, a transcender a vida cotidiana.

"O jogo aponta para além de si mesmo: para baixo, em direção ao ritmo simples e comum da vida; para cima, em direção à mais elevada forma da existência"

**Gerardus Van Der Leeuw,**  
historiador das religiões

### **Torcer é... esquecer**

Hoje não há mais imperadores ou autocratas para impor a política do pão e circo de cima para baixo, mas alguns dos ouvidos na fase de discussões em grupo organizadas para este dossiê mostram que a busca da distração, transcendência ou, de modo mais prosaico, da alienação do dia-a-dia, é um bom motivo para torcer no mundo do esporte:

“O brasileiro fica anestesiado com o esporte. Esquece os problemas do governo, esquece tudo”

*Mulher, classe A/B,  
55 a 69 anos, São Paulo*

“Com uma Copa do Mundo, o brasileiro esquece tudo: CPI, mensalão...”

*Homem, classe A/B,  
30 a 44 anos, São Paulo*

“Você extravasa, sobretudo quando seu time ganha. O que está ruim você bota para fora. Esquece até as dívidas”

*Homem, classe C,  
55 a 69 anos, São Paulo*

### **Um time representa valores**

Os torcedores tendem a torcer por um time graças ao que ele representa em termos emocionais e graças à identificação com seus símbolos – uniforme, brasão, hino, bandeira, torcida organizada. Escolher um time é mostrar um pouco quem você é. Muitos dedicam ao time o mesmo afeto, amor ou simpatia que dedicam a parentes próximos:

“Por que eu torço? Por que você se apaixona por uma mulher? A gente não sabe por quê. Você conhece, se identifica”

*Homem, classe A/B,  
55 a 69 anos,  
Rio de Janeiro*

“Ter um time é um modo de se integrar socialmente”

*Homens, classe A/B,  
18 a 21 anos,  
Rio de Janeiro*

### **A torcida é um hábito social**

O convívio do torcedor com outros que cultivam a mesma paixão é um elemento importante da sua vida social: sente-se unido a um grupo que tem uma identidade e não lhe faltam assuntos:

“É se sentir parte da sociedade, é estar vivo”

*Homem, classe A/B,  
30 a 44 anos, São Paulo*

“Sem time, você vê todo mundo conversando e não pode dar opinião”

*Homens, classe A/B,  
18 a 21 anos,  
Rio de Janeiro*

“Ter um time é ter amor, paixão. É sofrer quando perder”

*Mulher, classe A/B,  
55 a 69 anos, São Paulo*

“A paz só pode ser produto de um mundo melhor; um mundo melhor só pode ser criado por indivíduos; e indivíduos melhores só podem surgir quando há troca, esforço e competição leal”

*Pierre de Coubertin,  
em Mémoires Olympiques*

## A torcida é parte do jogo

Por que os próprios jogadores pedem à torcida para se manifestar, estimulando o time? Sob qualquer aspecto que se olhe, o torcedor é parte do esporte quase tanto quanto os atletas (e é por esse motivo que em alguns casos disciplinares um time pode ser condenado a jogar sem a presença da sua torcida). A torcida impulsiona o time e, junto com a mídia, impulsiona o esporte em geral. Eis a opinião do antropólogo Roberto DaMatta:

“A torcida sabe que tem capacidade de jogo, sabe que pode influenciar o resultado. O jogador Heleno de Freitas, do Botafogo, era muito bonito e tinha um apelido que detestava, Gilda (personagem de Rita Hayworth no filme *Gilda*, de 1946). Quando a torcida adversária começava a gritar “Gilda, Gilda”, ele ficava desconcertado, chutava a bola fora e tudo”

**Roberto DaMatta,**  
antropólogo

Outro acadêmico, Istvan Kasznar, professor da FGV e especialista nos aspectos empresariais do esporte, também atribui à torcida um papel relevante, mas pouco valorizado pelos demais atores desse universo. Diz o professor Kasznar: “O torcedor é parte importante da estrutura do esporte e convém que seja estimulado a participar, seja pessoalmente, seja através da audiência televisiva ou radiofônica”.

## O esporte condiciona a torcida

Dependendo da disciplina, o comportamento da torcida muda. Os esportes predominantemente populares, como futebol e vôlei, têm torcedores mais animados e barulhentos. Mas não se espere grande extroversão da torcida numa prova de equitação.

“A torcida do vôlei é mais jovem, mais alegre. A do tênis é mais comportada, gente de classe mais alta, que em geral não pode se manifestar com o mesmo ímpeto”

**Bernard Rajzman,**  
recordista em  
medalhas de vôlei

## O verbo torcer se conjuga no masculino?

No livro *Ritos e Rituais Contemporâneos*, a antropóloga Martine Segalen analisa o fenômeno das torcidas no esporte e conclui que são um fenômeno prevalentemente masculino. Segundo a antropóloga, o entusiasmo dos torcedores se manifesta em três dimensões principais:

- O clube e a disputa são objeto de identificação por meio da ritualização e dos símbolos do time.
- Há na torcida uma dimensão bélica ritualizada: as mulheres estão ausentes; há atitudes violentas, com promessas de morte e vingança entre torcidas; o próprio estádio tem a aparência simbólica da arena guerreira ou sacrificial; há intensa participação corporal e sensorial.
- Há um sentimento comunitário quando a partida é ganha: transbordamento festivo, perturbação do trânsito, buzinações noturnos.

## Quantos brasileiros torcem?

A análise dos resultados da fase quantitativa da pesquisa revela que 46% dos torcedores têm o hábito de acompanhar esportes pessoalmente, em estádios, clubes, ginásios esportivos, praias etc. Nas entrevistas, emerge a força do futebol como fator condicionante da atitude geral em relação a torcer:

- O futebol é a modalidade mais apreciada, especialmente pelos homens (44% acompanham), seguido de vôlei e futsal, mas estes com índices bem inferiores.
- A identificação com o futebol é o principal motivo para acompanhar pessoalmente os jogos. Os amigos são considerados a companhia mais adequada, mas culturalmente existe uma tradição de o pai passar o hábito para o filho.
- Muitos dos entrevistados afirmam que têm receio de assistir ao futebol em estádios, devido à violência e falta de segurança.

## As chuteiras da pátria

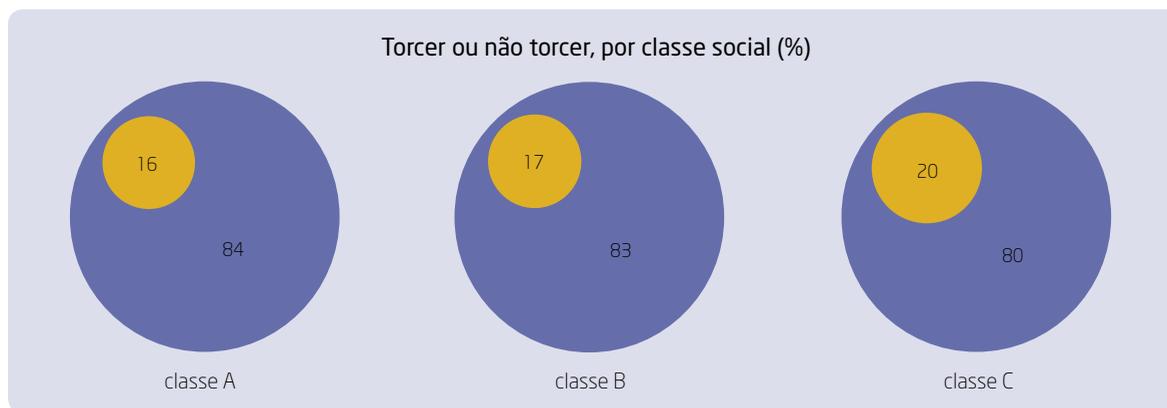
O jornalista, escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues dizia que a seleção brasileira é “a pátria de chuteiras”. Segundo a antropóloga Simoni Lahud Guedes, o futebol realmente representa a ideia de nação no nosso país:

“Nação é uma representação, não é uma coisa concreta. Não se é brasileiro o tempo todo, você é brasileiro sobretudo em contraste com um estrangeiro. Quando você está no exterior, você é sempre brasileiro. Nos times e na seleção brasileira projetamos as questões

prementes da sociedade. O futebol é para nós quase uma terapia, como se através dele estivéssemos explicando para nós mesmos os nossos comportamentos, aprendendo quem somos”.

## Torcer ou não torcer, eis a questão

Só 18% dos brasileiros declaram não torcer para nenhum time, de nenhum esporte. Os 82% que afirmam torcer, dedicam seu entusiasmo quase sempre a times de futebol. As menções a times de outros esportes são irrelevantes.

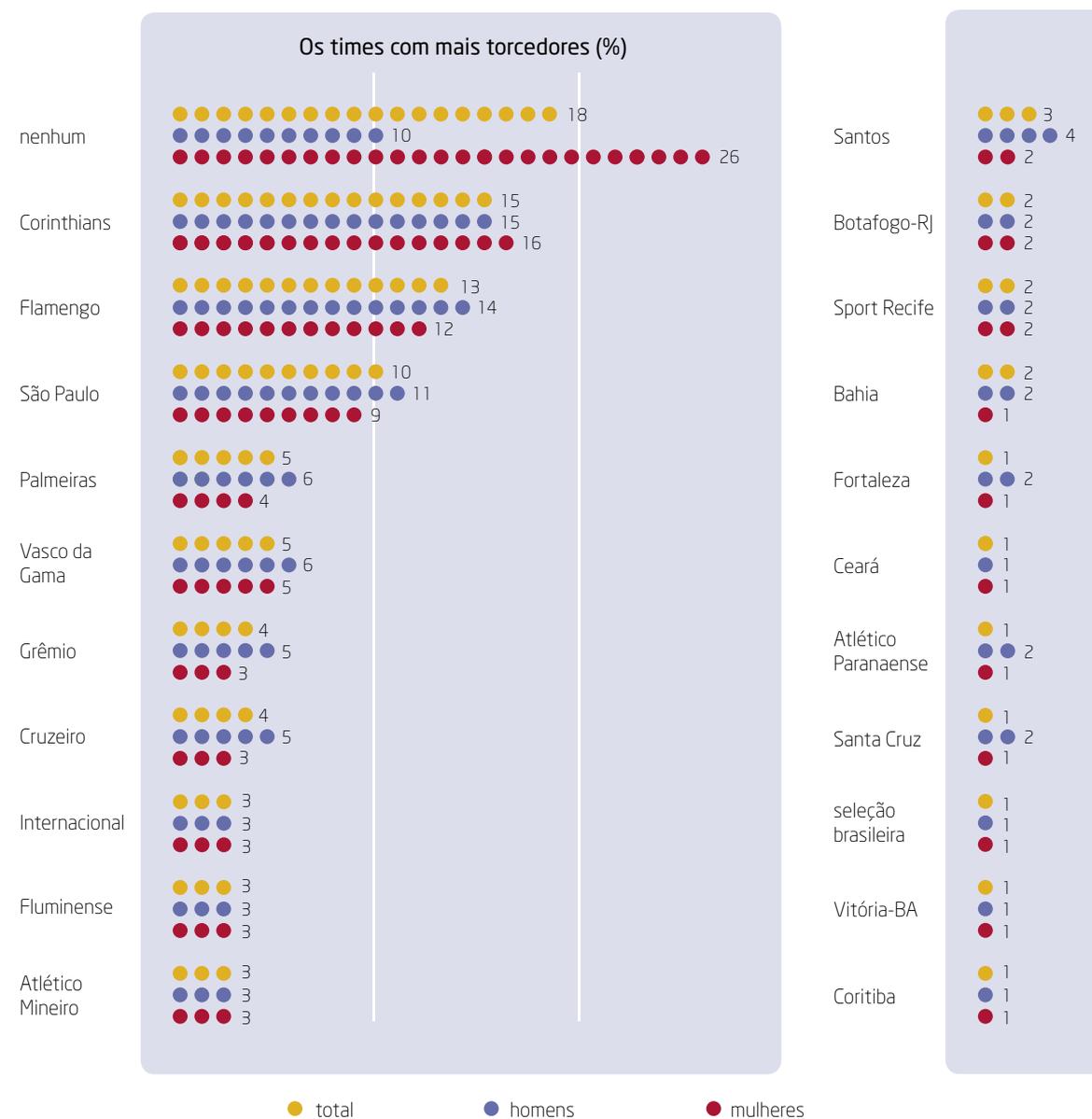


● é torcedor ● não é torcedor

Fonte: Fase Quantitativa - total da amostra

## Qual é o seu time?

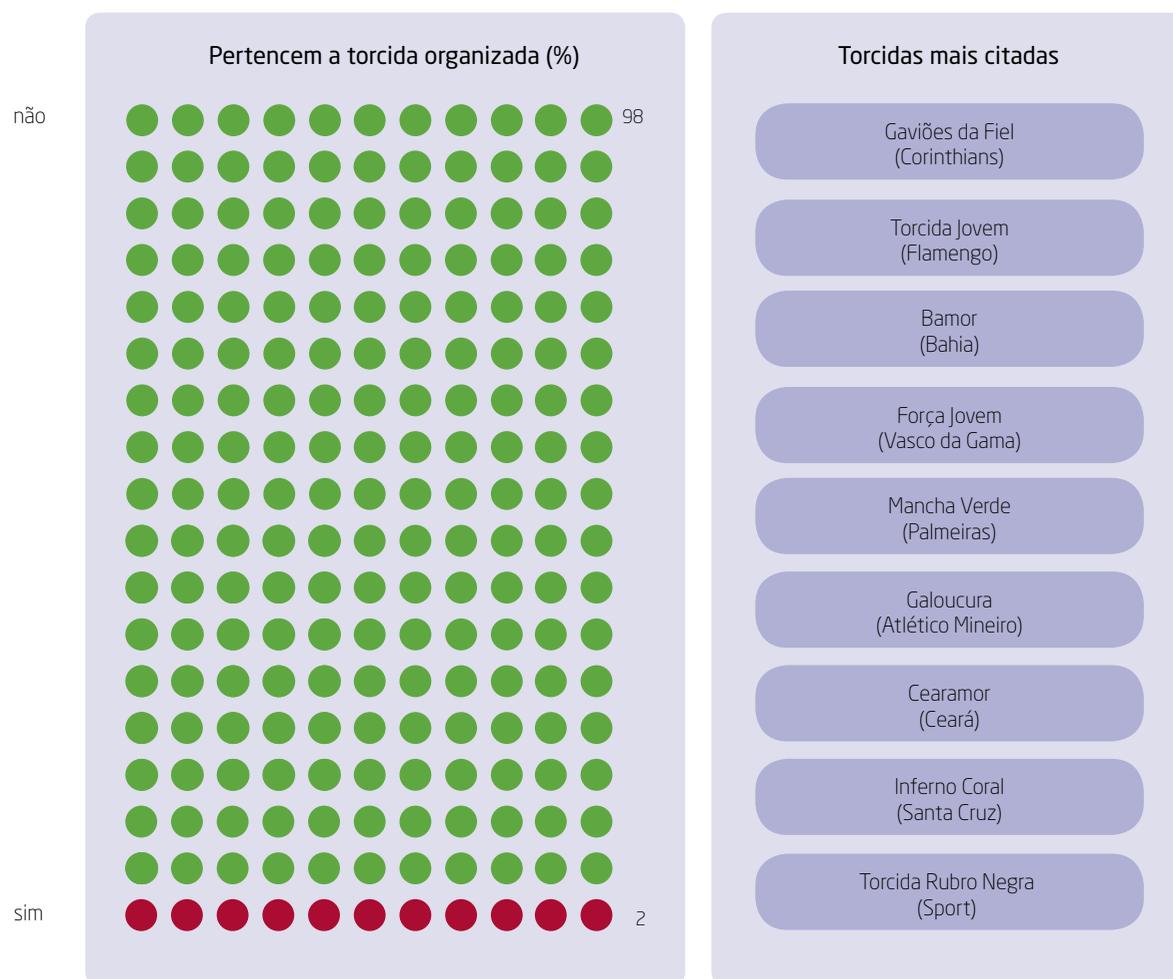
Corinthians e Flamengo são os times com o maior número de torcedores. A influência de parentes e a tradição familiar, dizem os entrevistados na fase quantitativa, são fatores decisivos na escolha do time.



Fonte: Fase Quantitativa - total da amostra / resposta espontânea

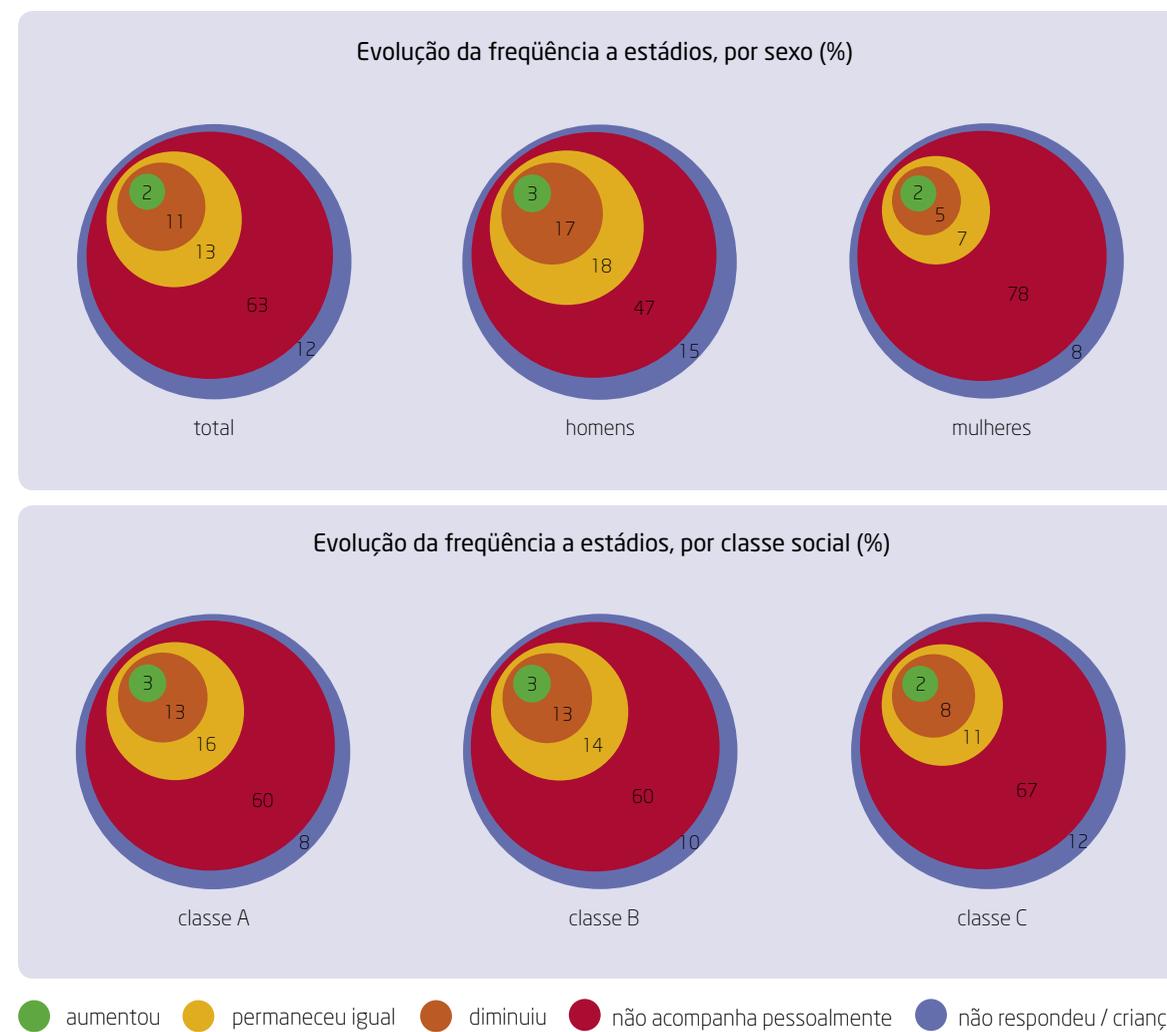
## Torcer e coçar...

De cada cem entrevistados que se declaram torcedores, apenas dois afirmam pertencer a torcidas organizadas. A Gaviões da Fiel, do Corinthians, é a que tem o maior número de seguidores, com a Torcida Jovem, do Flamengo, em segundo lugar. A tabela a seguir mostra as torcidas organizadas mais mencionadas, em termos percentuais, pelos 2.338 entrevistados:



## Arena de esporte (e violência)

Em média, 13% dos brasileiros mantêm inalterada a freqüência a estádios de futebol, enquanto 11% diminuiram e 2% têm ido até mais (dos 11% que diminuiram, 7% culpam a violência e a insegurança dentro e fora dos estádios). E 54% dos brasileiros não freqüentam estádios. Na tabela a seguir, os percentuais totais e por classe social. A maior queda é na classe A:



## DEUSES E ÍDOLOS

# O esporte primeiro cria seus heróis, depois atrai câmeras de TV e multidões

Dez anos atrás, atletas de esportes individuais dominavam a lista da revista Forbes dos 50 esportistas mais bem pagos do mundo. Na última lista publicada, referente a 2004, um golfista (Tiger Woods) e um piloto de Fórmula 1 (Michael Schumacher) ocupavam os dois primeiros lugares, mas só 25% do total era de atletas de esportes individuais. Havia 27 jogadores de basquete e beisebol (americanos, claro) dominando a lista. O único brasileiro presente, em 26º lugar, era Ronaldo Nazário de Lima (Fenômeno), com salário anual de 18,5 milhões de dólares. Zinedine Zidane vinha na 42ª posição, com salário anual de 15,8 milhões de dólares.

Conta a lenda que alguns jogadores do escrete canarinho - como se dizia então - foram de lotação para o Maracanã na final da Copa de 1950, levando suas chuteiras embrulhadas em jornal debaixo do braço. Pode ser exagero, mas lembre-se também que, em 1961, George Best, jovem e brilhante estrela do Manchester United, contentava-se com um salário de 1.040 libras por mês (em dinheiro de hoje), suficiente para pagar seu

aluguel e gastar na sua maior diversão, ir ao cinema. George Best, que morreu alcoolizado aos 59 anos em dezembro de 2005, foi um dos catalisadores da revolução na cultura pop da Inglaterra na época, juntamente com os Beatles e Mary Quant, responsável pelo lançamento, em 1960, do diminuto pedaço de pano que mudou o guarda-roupa feminino, a minissaia.

A popularidade de George Best ajudou a transformar o futebol inglês em um negócio bilionário - os principais times agora são cotados na Bolsa de Valores - e fez dele um dos precursores da rica indústria mundial do esporte e do entretenimento.

As estrelas do esporte são cada vez mais bem pagas e, sobretudo, cada vez mais populares, e vice-versa. Pelé, a celebridade mundial número 1 (Bush *who?*) preside um panteão de ícones mundiais que inclui Ronaldo e Zidane, Muhammad Ali e Mike Tyson, Schumacher, Ayrton Senna e Juan Manuel Fangio, Michael Jordan e Dennis Rodman, Tiger Woods e Jack Nicklaus, Carl Lewis, Maria Sharapova e... bem, faça você mesmo a sua lista.

Nomes assim encarnam a face humana do esporte e ao mesmo tempo dão a ele a necessária personalidade: o esporte não atrai câmeras de televisão nem multidões se antes não criar ídolos e heróis.

No seu célebre estudo *O Homem e seus Símbolos*, Carl G. Jung, criador da psicologia analítica e do conceito de

inconsciente coletivo, afirmou: "O mito do herói é o mais comum e conhecido em todo o mundo. Encontramos na mitologia clássica da Grécia e de Roma, na Idade Média, no Extremo Oriente e nas tribos primitivas".

Na Grécia Antiga, os heróis do esporte eram tidos como deuses encarnados e continuavam cultuados depois de mortos. Os grandes campeões olímpicos entravam na cidade por uma brecha aberta nas muralhas especialmente para eles - suprema prova de admiração que a população dava diante de uma façanha sobre-humana.

O percurso do herói começa freqüentemente na origem humilde, passa por provas difíceis, derrotando gigantes com sua força ou astúcia, demonstra ter poderes sobre-humanos (para tanto, faz sacrifícios) e, quando atinge o ápice, surge a questão fatal, segundo Jung: "Por quanto tempo podem os seres humanos alcançar o sucesso sem caírem vítimas de seu próprio orgulho ou, em termos mitológicos, da inveja dos deuses?"

Ah, Diego Armando Maradona... Este é o exemplo que vale por todos e mostra o quanto a citação do Dr. Jung neste capítulo é pertinente. Questões assim estão nas raízes da nossa cultura e da nossa civilização e são recorrentes no dia-a-dia. Os ídolos do esporte nascem vencendo dificuldades e fazendo sacrifícios, mostram sua superioridade, mas o fato é que nem todos conseguem manter a humildade e um comportamento moral exemplar.

## Os atributos do herói

Nas discussões em grupo e na fase quantitativa da pesquisa feita para este dossiê, os entrevistados definiram assim os atributos que consideram indispensáveis aos ídolos do esporte:

- **Humildade**  
29% dos entrevistados acham que o ídolo sabe reconhecer e valorizar os que torcem por ele. Por ter subido na vida através do esporte, preocupa-se em ajudar os necessitados.
- **Talento acima da média**  
26% consideram esse o atributo essencial de um ídolo do esporte. Com sua habilidade, faz parecer fácil o que todos sabem ser difícil.
- **Sacrifício pessoal**  
18% dizem que talento não basta, é preciso força de vontade e empenho para vencer.
- **Vida pessoal equilibrada**  
7% pretendem que o ídolo seja um modelo a ser seguido e mostre que é possível fazê-lo. Deve dar exemplo de valores positivos: recusar drogas, ter responsabilidade familiar e postura ética.

Fonte: Fase Quantitativa - total da amostra

No livro *Paratii - Entre Dois Pólos*, o navegador Amyr Klink publica uma mensagem que recebeu do seu colega Hélio Setti Jr., *skipper* do veleiro *Vagabundo*, pouco antes de partir para mais uma aventura. Na mensagem, Hélio cita a ambição, a garra e o respeito pelo desafio como atributos dos grandes esportistas:

“Não quero chamar o seu futuro feito de heróico, mas fico aqui pensando o quanto de especial existe nisso. (...) Marinheiros que somos, a fraqueza e o vacilo não nos são permitidos. Faça tudo, busque o impossível, mas respeite o mar. O sábio marinheiro sabe que jamais venceu uma tormenta, foi o mar que deixou ele passar”.

O que, em última análise, move os grandes campeões em busca dos louros da vitória ou do feito heróico? O americano David C. Young, professor de filologia clássica e autor de um monumental ensaio sobre as Olimpíadas, ensina: “Na disposição de homens adultos correrem abertamente o risco da desonra pública pela chance de obter distinção, é aí que encontramos o que separava os gregos de todos os outros povos”.

A aviadora, poetisa e naturalista americana Diane Ackerman - autora de *A Natural History of the Senses* - explica assim o gosto pelo risco da competição: “É aquele instante atemporal, o momento central de tantos esportes, que a gente sente muitas vezes e no qual talvez fique viciada, ao fazer algo perigoso - o medo de cair no nada”.

## O espelho dos mortais

Ao serem eliminados pela Itália, nas semifinais da última Copa, os jogadores da Alemanha viveram momentos de intensa identificação mútua com a torcida. Os atletas aplaudiam as arquibancadas, que sustentaram a equipe por mais de 120 minutos de jogo, e os torcedores cantavam e aplaudiam o esforço heróico do time, que lutou mesmo depois dos dois gols italianos nos instantes finais da prorrogação, e só se entregou ao ouvir o apito final.

Com a equipe brasileira, depois da derrota medíocre para a França nas quartas-de-final, aconteceu o contrário: frustração geral diante da apatia e aparente indiferença do time em face do resultado, rejeição e vaias, palavrões e atitudes agressivas por uma parte da torcida.

A diferença entre esportistas determinados e vencedores e pessoas comuns é conhecida - aplausos, prêmios, prestígio, riqueza, popularidade. Mas existem também semelhanças entre a trajetória dos grandes campeões e a das pessoas comuns, típicas de qualquer profissão: momentos de desânimo, cansaço, dor e frustração, contrabalançados por momentos de prazer e euforia na luta pela meta alcançada ou pela reconfortante certeza do dever cumprido.

Por que as pessoas comuns se identificam com os campeões? Porque eles têm garra e determinação na competição, porque planejam seus passos, porque aprendem com os erros.

“Um ídolo não pode ser um campeão só no esporte, tem de ser fora também, tem de ser um cidadão. Temos de ajudar as pessoas e avaliar o exemplo que daremos para elas. Ser o espelho de crianças é complicado”

***Daiane dos Santos,***  
*campeã mundial de ginástica artística*

## A garra e a volta por cima

Nike (pronuncia-se “nikê”), a deusa da vitória na mitologia, sorri para quem triunfa, mas tem especial predileção por quem triunfa superando a si mesmo. O ciclista americano Lance Armstrong é medalhista olímpico e vencedor quatro vezes do Tour de France, talvez a prova de ciclismo mais dura e famosa do mundo. Lance ficou conhecido tanto pelas suas incríveis proezas em duas rodas quanto por ter superado um câncer durante sua longa carreira. “Se eu não sofrer um pouquinho todo dia, sinto-me culpado”, disse ele numa entrevista.

A perseverança e o empenho pessoal, atributos dos ídolos verdadeiros, costumam ser premiados. A história do esporte é feita por atletas que chegam ao pódio depois de superar dificuldades capazes de desanimar as pessoas comuns. Ronaldo Fenômeno é exemplo de muitas coisas, inclusive dessa surpreendente capacidade.

“Sempre planejei muito bem o meu caminho, analisando meus erros”

***Robert Scheidt,***  
*campeão olímpico brasileiro de iatismo*

“Na verdade, a vida em si é uma competição: para passar no vestibular, para entrar numa empresa e depois ser promovido, e até para conseguir uma esposa e um lugar para morar é preciso saber lidar com a competição”

**Rogério Romero,**  
nadador brasileiro

Depois de frustrar os seus torcedores no Brasil e no mundo na final da Copa de 1998 (teria sido vítima de uma convulsão horas antes do jogo), o jogador teve de passar por uma complicada cirurgia após uma contusão. Em 2000, quando o Fenômeno estava se recuperando, o tendão do joelho direito rompeu-se numa partida da Copa Itália e ele teve de passar por uma segunda cirurgia, ainda mais grave. Muitos se apressaram em prever a sua aposentadoria no futebol. Mas, em 2002, Ronaldo voltou a brilhar na Copa do Mundo do Japão e da Coréia como artilheiro absoluto do torneio. Disse, na época, o jornal *O Estado de S. Paulo*:

“Ronaldo derrotou tudo e todos: críticas, desilusões, descrédito, erros e muita dor. Ressurgiu e provou estar recuperado das sucessivas contusões. As exibições de gala encantaram milhares de fãs. Voltaram os dribles desconcertantes e as arrancadas. Melhor ainda foi observar a alegria do artilheiro nos gramados orientais”.

Mais três exemplos de volta por cima: A corredora cubana Ana Fidelia Quirot (ela nasceu em 1963 e carrega no nome uma homenagem de seus pais ao ditador da ilha), bicampeã e recordista panamericana dos 800 e dos 400 metros, estava grávida de seis meses

quando sofreu um acidente em casa, em 1993. Seu fogão explodiu, ela teve queimaduras de segundo e terceiro graus em mais de um terço do corpo, perdeu o bebê e esteve em coma. Salvou-se, fez inúmeras cirurgias plásticas, voltou a treinar e ganhou o campeonato mundial dos 800 metros em 1995 e, no ano seguinte, foi medalha de prata nas Olimpíadas de Atlanta na mesma modalidade.

Johnny Weissmuller, o mais famoso Tarzã de Hollywood, foi o primeiro a nadar 100 metros em menos de um minuto (57 segundos e 4 décimos, em 1922) e bateu 67 recordes mundiais. Mas até os 6 anos de idade não andava, não falava e tinha um diagnóstico como deficiente mental. Salvou-o a natação e a determinação.

O ginasta soviético Dimitri Bilozerchev parecia inutilizado para o esporte ao quebrar a perna em 43 pontos diferentes, depois de beber demais e bater o carro logo após vencer o campeonato europeu de 1985. Bilozerchev conseguiu se recuperar, voltou a treinar e ganhou uma medalha de ouro e outra de bronze nas Olimpíadas de Seul (1988).

### A influência dos campeões

Os entrevistados atribuem grande influência dos ídolos do esporte sobre a opinião pública, por estimular a prática esportiva e os exercícios físicos, e ajudar a movimentar a indústria relacionada ao esporte. Essa influência é descrita porcentualmente da seguinte maneira:

- O ídolo é um exemplo a ser seguido - 49% dos ouvidos acreditam no poder de sugestão dos ídolos, capazes de influenciar positivamente adolescentes e crianças.
- Ele é um estímulo à prática - 16% consideram os campeões fonte de inspiração para a prática esportiva. Algumas meninas disseram que passaram a fazer ginástica olímpica depois de ver o sucesso de Daiane dos Santos.
- Torna-se foco da torcida - 11% afirmam que o processo de identificação com o ídolo o torna referência para o esporte que pratica e suscita o desejo de acompanhá-lo na superação de dificuldades.
- Gera interesse pelo esporte - 11% dizem que o ídolo faz aumentar a audiência do esporte. A habilidade do ídolo garante o espetáculo.

### Quantos torcem por ídolos? Quais são eles?

Há mais brasileiros torcendo por times de futebol - de cada 100 brasileiros, 82 declaram ter o seu time do coração - do que por ídolos do esporte. Apenas 59% da população entrevistada afirma cultivar admiração especial por um ou mais ídolos do esporte.

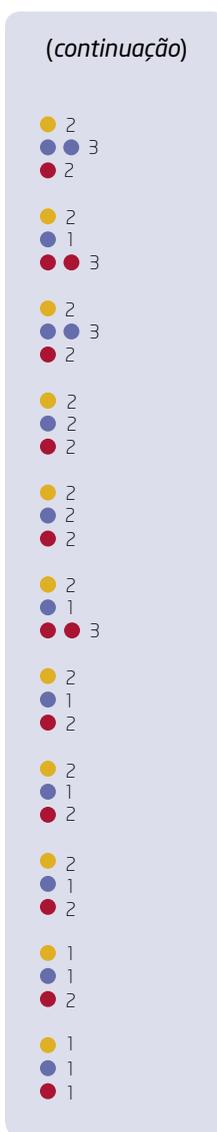
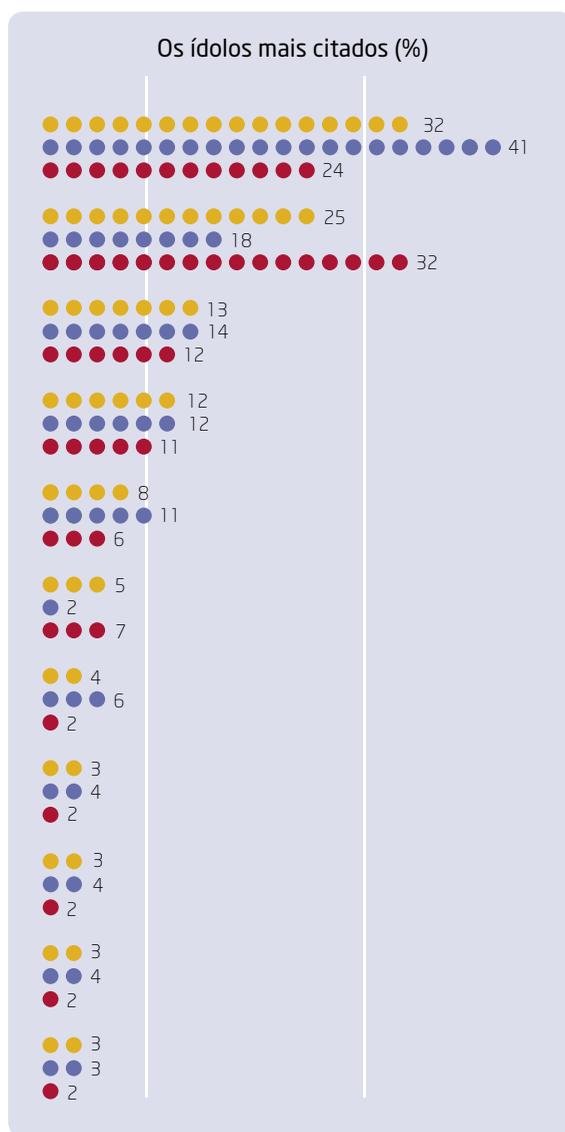
Fonte: Fase Quantitativa - total da amostra

Citados espontaneamente, é grande o número de ídolos do esporte lembrados pelos torcedores brasileiros. A maioria, naturalmente, está relacionada ao futebol. Os demais são admirados, têm seu talento esportivo aplaudido ou conquistaram mais recentemente a fama e o reconhecimento. Ronaldinho Gaúcho

foi o mais citado pelos entrevistados, mas é preciso lembrar também que as entrevistas foram feitas antes da sua modesta performance na Copa da Alemanha, e quando o jogador ainda saboreava sua indicação pela FIFA como melhor jogador do mundo pelo segundo ano consecutivo.

# “Minha estratégia é vencer, correndo o mais devagar possível”

**Jack Brabham**, ex-piloto australiano de F 1, tricampeão em 1959, 1960 e 1966



Fonte: Fase Quantitativa - total da amostra / resposta espontânea









The background is a vibrant red surface with various white, blue, and yellow lines and shapes. There are several white curved lines, some straight white lines, and a prominent yellow curved line. There are also some blue and white abstract shapes scattered across the red background.

## 0 PIB do esporte

# Quanto vale o esporte no mundo? E no Brasil?

Assim como há controvérsia sobre o que é ou não é esporte, também são controvertidas as várias possibilidades de se estimar o valor do PIB do esporte no mundo. Segundo um estudo recente publicado pelo jornal britânico *Financial Times*, o PIB esportivo mundial, em 2006 - considerando apenas as transações ligadas diretamente ao esporte - chegará a 100 bilhões de dólares. Isso equivale ao PIB da Argentina ou de países produtores de petróleo como Venezuela, Malásia ou Emirados Árabes Unidos, e quase o dobro do valor da economia de países como Chile e Nova Zelândia.

Considerando porém os efeitos diretos e indiretos do esporte, só o PIB americano do setor ultrapassa 234 bilhões de dólares, segundo estimativa da consultoria IBCI (veja tabela na próxima página). O mercado esportivo mundial deve crescer a uma taxa média de 6% entre 2004 e 2009, segundo o estudo

do *Financial Times*. Os Estados Unidos, país que, sozinho, corresponde à metade do mercado esportivo mundial, devem crescer a uma taxa ligeiramente maior.

## O valor econômico do esporte

No Brasil, o empuxo econômico proporcionado pela prática esportiva e as atividades de produção, comércio e serviços relacionadas ao esporte em geral compõem 1,95% do PIB de 798 bilhões de dólares (em 2005), algo como 15,6 bilhões de dólares (veja tabela abaixo). Em termos percentuais, 1,75% tem origem em gastos do setor privado e o outro 0,20% em investimentos do setor público.

Esse valor percentual é crescente no tempo: no fim da década de 90 (precisamente, em 1999), foi de 1,91%. Isso significa que o setor esporte cresce acima da média do Brasil e evolui em

O PIB do Brasil e o PIB do esporte brasileiro

A preços correntes (em bilhões)

Brasil / ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
em R\$							
Brasil	974	1,101	1,199	1,346	1,556	1,769	1,902
Esporte	18,6	21,7	23,7	26,4	30,0	34,1	37,1
em US\$							
Brasil	537	602	510	459	498	627	798
Esporte	10,3	11,9	10,1	9,0	9,6	12,1	15,6
% do PIB							
Esporte	1,91	1,97	1,98	1,96	1,93	1,93	1,95

(dados preliminares, sujeitos a revisão)

### PIB do esporte: Brasil e outros países

Em bilhões de US\$

País / ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Brasil	10,3	11,9	10,1	9,0	9,6	12,1	15,6
EUA	198,1	204,4	210,0	213,1	219,4	227,8	234,8
Canadá	6,8	7,4	8,8	9,0	9,2	9,9	N.D
Reino Unido	20,5	21,1	22,1	25,9	27,6	N.D.	N.D
França	31,0	31,9	32,7	33,6	35,1	36,1	N.D
Alemanha	31,2	32,8	32,9	34,5	35,9	36,9	37,9
China	16,5	22,5	25,9	29,8	35,8	40,9	44,8

Observação:  
Valores estimados e projetados conforme as fontes oficiais de cada país, considerando os efeitos diretos e indiretos do esporte.

Fontes:  
IBCI - Institucional Business Consultoria Internacional Ltda.  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.  
China Economic Net and Hong Kong Development Board, aug. 2005 - Insight 20/06/2004  
The Sport Network  
Federal Reserve Bank of St. Louis - USA  
New England Economic Indicators - Dec. 1998 / Feb. 2006; Federal Reserve Bank of Boston; www.bos.frb.org/economic/nee/nee.htm  
Ministère de la Jeunesse, des Sports et de la Vie Associative  
Sport and Leisure - Results from the sports and leisure module of the 2002 General Household Survey, National Statistics, United Kingdom.  
Living in Britain. A summary of changes overtime, Sport Participation - National Statistics online 29/06/2004  
United Kingdom Economics Accounts. Quarter 4-2005 - National Statistics

comparação com outros setores. Entre 1995 e 2005, o setor esporte cresceu ao ano 7,42% acima (na média simples) do PIB do Brasil.

Mesmo assim, o Brasil ainda tem um PIB esportivo modesto em comparação relativa com países europeus e até com outra potência emergente, a China. Em 1999, o PIB do esporte brasileiro era de 10,3 bilhões de dólares e o da China, de 16,5 bilhões de dólares (o chinês era um terço maior). Em 2005, o do Brasil chegou a 15,6 bilhões de dólares e o da China, a 44,8 bilhões de dólares,

exatamente, 3 vezes maior (*veja tabela acima*). Pode ser difícil acompanhar países do Primeiro Mundo e também a nova China, mas o esporte brasileiro parece estar no bom caminho. Em termos percentuais, a taxa de participação do esporte brasileiro no PIB nacional é semelhante à dos EUA, dos países europeus e da China. Crescendo o bolo da renda nacional, crescerá mais ainda a fatia do esporte.

Segundo Istvan Kasznar, professor titular da Fundação Getulio Vargas e presidente da Institutional Business

Consultoria Internacional, especialista em economia do esporte, a vitalidade do setor esportivo no Brasil deve-se ao fato de ser um setor da economia particularmente dinâmico e moderno. Assim, tem o poder de estimular positivamente as demais indústrias e criar efeitos de multiplicação de riqueza, renda e emprego a uma taxa bem superior à das indústrias tradicionais.

### O que o esporte faz pelo Brasil

O Brasil disputou 18 copas do Mundo e ganhou cinco, mas o fato é que o país do futebol está deixando de ser o país *apenas* do futebol. O extraordinário desempenho de atletas brasileiros em outras modalidades, inclusive olímpicas,

é a prova: voleibol, vôlei de praia, natação, boxe, judô, tênis, futsal, futebol de areia, ginástica olímpica, vela...

Cada brasileiro é atleta ou esportista à sua maneira: basta observar as multidões que invadem a orla ou os parques das cidades do País nos fins de semana, com roupas esportivas e tênis nos pés, caminhando, correndo, batendo bola ou pedalando, e as academias de ginástica que bombam Brasil a fora de manhãzinha até altas horas da noite.

É para atender essa massa de consumidores que a indústria de produtos esportivos trabalha, estádios e equipamentos são construídos, eventos e torneios são organizados e a cobertura da televisão e da imprensa cresce de

De 1995 a 2005, o PIB brasileiro cresceu, em média, 3,2% ao ano, enquanto o PIB do esporte nacional cresceu 10,86% anualmente

**Fonte:** IBGE - Anuários Estatísticos de 1996 a 2004 e dados de 2004 e 2005

volume e qualidade. O interesse, ou paixão, pelo esporte é realimentado pelo acesso difuso à informação e pela informação cada vez mais completa e em tempo real. O impacto desses fenômenos condiciona tendências de comportamento, que, por sua vez, geram mais consumo ligado à moda e ao estilo de vida esportivo, os quais são estimulados também pela ampla aceitação da correlação entre esporte e saúde.

O esporte só entrou na vida oficial brasileira em março de 1937, quando Getúlio Vargas criou a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, dirigida por um general, três coronéis, um major e um professor. Em 1995, o presidente Fernando Henrique Cardoso criou o Ministério do Esporte. Edson Arantes do Nascimento, o Rei Pelé, foi o primeiro a chefiá-lo. Desde a criação do Ministério, as verbas federais destinadas ao esporte aumentaram, o incentivo oficial à prática esportiva tornou-se política de Estado e estados e municípios também vêm investindo em infraestrutura esportiva. Outra novidade relevante, gerada pelo crescimento da importância do esporte, foi o impacto positivo em termos de trabalho e renda. O desemprego estrutural crescente do País, que passou de 4% nos anos 90 para 10% em 2005, motivou um aumento na busca de alternativas em profissionalização nos esportes (ainda pequena) e em empregos no setor, tanto na área privada quanto na pública, bastante expressiva e com reconhecido potencial de crescimento.

## O esporte vale quanto pesa

A seriedade e a real dimensão do setor esportivo na economia brasileira podem ser bem avaliadas por meio dos seguintes destaques estatísticos:

- O volume de impostos pagos pelo setor esporte - empresas industriais e comerciais, firmas de serviços e mão-de-obra empregada - chegou a 9,3 bilhões de reais em 2005, o que corresponde a 25% do faturamento do setor e da sua formação de renda.
- A taxa de crescimento média anual geométrica do imposto pago pelo setor esporte entre 2000 e 2005 correspondeu a 9,46%, acima dos 7,48% da taxa média de inflação anual do período medida pelo IPCA do IBGE.
- O número de empregados registrados formalmente, com carteira de trabalho assinada, em atividades vinculadas e identificadas com o esporte, saltou de 245.184 pessoas, em 1995, para 315.006, em 2005. Ou seja, o esporte vai contra a tendência do desemprego e também contra a tendência do emprego informal.

## Como se compõe o PIB brasileiro do esporte?

O esporte ajuda a compor o PIB brasileiro tanto quanto a indústria nacional ou o setor de serviços. E as variáveis que compõem o poder econômico do esporte, cada vez mais relevante no PIB, são as mesmas que definem o peso de todas as demais atividades econômicas: receitas, impostos, empregos e empregadores diretos e indiretos, salários etc.

Para chegar ao número final do PIB do esporte no Brasil e à sua composição detalhada, a Área de Pesquisas do Esporte da empresa Institucional Business Consultoria Internacional (IBCI) somou o valor dos bens produzidos pela indústria de artigos esportivos (incluindo, entre outros itens, vestuário e mochilas, mas também bebidas isotônicas e equipamentos importados), o valor dos serviços ligados diretamente ao esporte (salários de atletas, publicidade, marketing, direitos autorais etc.) e o valor indireto dos serviços demandados pelo esporte (transporte, hospedagem, alimentação, serviços médicos...).

A tabela da próxima página apresenta os elementos do PIB do esporte no Brasil estimado para 2006 e sua projeção até 2010, ano a ano. Nas tabelas das páginas 136 e 137, o peso dos demais itens do nosso PIB esportivo. Uma boa surpresa: para cada emprego direto, o esporte oferece trabalho, em média, a outros 2,74 brasileiros em atividades relacionadas ao setor.

Os brasileiros gastam 1,75% da sua renda com esporte, o que dá 42,39 dólares per capita por ano. Os americanos gastam 551 dólares (1,9% da renda) e os australianos, 138 dólares (0,9%)

**Fonte:** IBCI - Levantamento e Pesquisa de Gastos Familiares, 1999 e 2003

Os 400 maiores municípios brasileiros recebem 67% das verbas públicas federais para o esporte

**Fonte:** IBGE - Perfil dos Municípios Brasileiros - Esporte, 2003

A Região Sudeste é a que mais emprega pessoal nas prefeituras trabalhando com esporte

**Fonte:** IBGE - Perfil dos Municípios Brasileiros - Esporte, 2003

Tendência estimada para o setor esporte no Brasil - 2006 / 2010

		2006	2007	2008	2009	2010
Geração e formação do produto						
I	Valor do produto da indústria de artigos esportivos	27.734.319.003	31.774.287.122	35.222.385.285	37.778.642.617	39.206.545.184
I.1	roupas (vestuário e indumentária)	4.697.262.798	4.800.654.668	4.474.234.805	4.542.193.153	4.205.088.324
I.2	calçados	4.263.212.011	4.631.450.102	4.868.348.804	4.951.434.320	4.872.647.528
I.3	couros e peles	64.120.508	60.692.425	55.584.878	49.256.491	42.233.290
I.4	artigos esportivos (bolsas, mochilas e afins)	4.025.832.850	4.596.016.645	5.076.823.734	5.426.092.786	5.611.345.184
I.5	instrumentos esportivos	6.642.272.736	7.570.640.593	8.348.975.616	8.908.783.295	9.197.890.515
I.6	equipamentos importados	1.320.059.340	1.482.893.596	1.611.800.046	1.695.106.450	1.724.913.924
I.7	outros (alimentos, bebidas, vitaminas, vídeos...)	7.002.048.531	9.631.059.997	12.817.629.053	16.505.395.978	20.565.005.764
II	Valor dos serviços gerados por firmas especializadas em esportes e afins	11.491.004.555	12.533.110.804	13.226.483.678	13.505.621.056	13.343.487.660
II.1	marcas, patentes, direitos autorais	31.223.506	32.933.192	33.610.164	33.188.839	31.710.138
II.2	publicidade, propaganda, distribuição e marketing	5.780.466.603	6.349.644.079	6.748.705.961	6.940.268.453	6.905.842.529
II.3	prática de atividades esportivas em clubes, academias e afins	1.044.445.035	1.259.096.106	1.468.644.930	1.657.522.295	1.810.033.387
II.3	arrecadações em estádios, quadras, clubes e afins (em eventos)	438.907.034	460.355.289	467.195.199	458.762.852	435.875.798
II.5	remuneração formal do complexo de esportistas	3.004.723.188	3.287.253.801	3.479.738.775	3.564.057.382	3.532.054.297
II.6	meios de comunicação esportiva - televisão, rádio, jornalismo	980.720.532	1.122.223.595	1.242.505.048	1.331.072.058	1.379.715.713
II.7	outros	272.108.118	208.422.045	154.465.126	110.764.827	76.852.490
III	Valor indireto dos serviços gerados pelo esporte - efeito multiplicador	2.105.781.481	2.493.801.953	2.857.559.342	3.168.204.408	3.398.722.984
III.1	transporte intra-urbano	671.584.449	721.161.960	749.289.468	753.270.716	732.718.538
III.2	transporte intermunicipal	273.582.316	286.183.009	289.657.185	283.667.386	268.793.737
III.3	transporte internacional	155.067.555	163.040.032	165.864.026	163.265.638	155.497.001
III.4	hospedagens domésticas	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
III.5	hospedagens internacionais	157.381.787	176.890.189	192.370.137	202.421.297	206.091.173
III.6	alimentação doméstica	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
III.7	alimentação internacional	20.674.856	22.621.713	23.949.317	24.532.703	24.315.451
III.8	atendimento médico-hospitalar	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
III.9	manutenção de equipamentos	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
III.10	manutenção da infra-estrutura poliesportiva	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.	N.D.
III.11	outros	883.853.726	1.335.887.986	1.953.639.061	2.764.415.085	3.784.833.832
PIB	Total	41.306.603.262	46.718.404.537	51.306.428.305	54.452.468.082	55.948.755.829

Em R\$

Os dados e projeções são preliminares. A aproximação técnica foi submetida a revisões conforme alteração de dados oficiais e novos levantamentos.

Os anos 2006/2008 crescem à taxa anual de variação do crescimento dos anos 2004/2005, capitalizados pela projeção de uma inflação anual de 5% e com um ímpeto de evolução de 97% em relação ao passado.

Os anos de 2009 e 2010 prosseguem com o mesmo método projetivo, submetido a adicional redutor de 95%. Isto pressupõe que o mercado cresce menos no futuro, em função de sua recente expansão forte, de década e meia.

Fonte: IBCI - Institucional Business Consultoria Internacional - Área de Pesquisa do Esporte, maio de 2006

### Empregadores diretos do esporte - síntese numérica

Em R\$

tamanho	empresas	faturamento médio	número de empresas	renda média do trabalhador dez/2004	receitas brutas milhões
grandes	≥300	11.282.086,01	1.642	1.191,40	18,5
médias	60 ≤ N < 300	1.105.117,00	9.714	971,54	1,0
pequenas	1 ≤ N < 59	106.573,14	41.097	823,89	4,4

Fonte:  
IBCI - Institucional Business Consultoria Internacional - Pesquisa Direta de Campo: Setor Esportivo no Brasil - 2004.

### Empregos diretos e indiretos no esporte

empregos / ano	2001	2002	2003	2004	2005
diretos	306.414	307.201	308.109	315.006	N.D.
indiretos	782.160	873.409	865.802	859.189	889.964
total	1.088.574	1.180.610	1.173.911	1.174.195	N.D.
coeficiente de geração indireta	2,55	2,84	2,81	2,73	2,75

Fontes:  
Anuário Estatístico RAIS/CAGED. Ministério do Trabalho.  
Istvan Kasznar e Ary Graça - *O Esporte Como Indústria, em Base de Dados Fundamental do Esporte*. Edouard, pág. 191, 2002.  
PEEM/EBAPE/Fundação Getúlio Vargas  
IBCI - Institucional Business Consultoria Internacional - Pesquisa Direta de Campo: Setor Esportivo no Brasil. Anos 2003/2004/2005 RAIS, anos - base 2000 a 2003 e projeção IBCI anos 2004 a 2005 - Anuário RAIS/CAGED.

### Tributos totais pagos pelo setor empresarial esportivo

Em R\$

Brasil / ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005*
PIB do esporte em bilhões	21,7	23,7	26,4	30,0	34,1	37,1
impostos federais em bilhões	5,4	5,9	6,6	7,5	8,5	9,3
carga tributária do país (%)	31,61	33,4	34,88	34,01	35	36,55
carga tributária do esporte (%)	24,86	24,97	24,99	25,01	25,01	25,01
volume financeiro de impostos do esporte	5,39	5,91	6,59	7,5	8,56	9,27

Fontes:  
Ministério da Fazenda e Economia  
Secretaria da Receita Federal  
Secretaria do Tesouro Nacional  
Istvan Kasznar e Ary Graça - *O Esporte como Indústria*. Edouard, 2002.

Dados preliminares, sujeitos a revisão

### Massa salarial direta do esporte

Em R\$ milhões

conta / item / ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005
remuneração total bruta do setor esporte (RTB)	5.258	5.646	6.214	6.438	6.951	7.129
taxa de variação (%)	-	7,38	10,06	3,60	7,97	2,56
IPCA	7,04	6,84	12,53	9,30	2,23	5,69
RTB/PIB esporte (%)	24,18	23,76	23,49	21,37	20,35	19,19

Fontes:  
RAIS, anos - base 2000 a 2003 e projeção anos 2004 e 2005.  
Anuário RAIS/CAGED; Cálculos IBCI - Institucional Business Consultoria Internacional;  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Observação:

- 1) O valor equivale à Massa Salarial Anual Total Bruta, registrada no setor, incluindo-se a movimentação do FGTS, o abono salarial PIS/PASEP.
- 2) O valor de 2005 é uma estimativa preliminar.
- 3) O coeficiente (RTB/PIB esporte) corresponde à folha bruta da massa salarial e de remuneração ao trabalho esportivo, dividido pelo PIB do Setor Esportivo.

## Quanto o setor privado investe em marketing esportivo?

Os torcedores sabem que chuteira seus ídolos usam, reconhecem as marcas que enfeitam as camisas de seus times e é esse mergulho das empresas na emoção das partidas que impulsiona o crescente negócio do marketing esportivo. As promoções, eventos e patrocínios esportivos oriundos de empresas privadas movimentaram um total de 2 bilhões de reais em 2004, quase 10% mais que em 2003, quando chegaram a 1,8 bilhão de reais.

Esse tipo de investimento vem crescendo ano após ano, depois de começar timidamente, graças à difusa convicção, no meio empresarial, de que marcas, produtos e serviços podem absorver os atributos positivos normalmente ligados ao esporte: estímulo para a educação e a geração

de valores; criação de referências pessoais e sociais; estimulador de novos empregos e profissões; etc.

Dado o tamanho da economia brasileira, com um PIB de US\$ 627 milhões em 2004, conclui-se que o investimento privado no esporte, embora incipiente, tem potencial de crescimento elevado. Mas, a atual legislação não incentiva do ponto de vista fiscal o investimento privado no esporte.

O risco do “negócio esporte” permanece de todo modo alto demais, apesar do quadro econômico geral estável, com a inflação em 5,2% (2006), reservas internacionais em US\$ 66 bilhões e o leve crescimento do PIB, de 2,2%. Isso porque não há contrapartida para as taxas de juros reais de 11% ao ano e para uma carga fiscal que supera os 37% do PIB, índices que se tornaram recordes mundiais.

Estados Unidos: de cada 30 mil jovens que começam a atuar nos esportes de base, um vira medalhista olímpico

*Fonte: Journal of Sports Economics*

## A estratégia do investidor privado

Homens de negócios atuam no mundo dos esportes pelos mesmos motivos que investem em todos os outros setores: gerar receitas, obter lucro, fortalecer suas marcas, perenizar suas empresas. A IBCI realizou pesquisas de campo em 2004 e 2005, resumidas no livro *Estratégia Empresarial do Esporte*, que permitem inferir os elementos principais que pesam na decisão de investimento privado:

- Grandes corporações investem em times, jogos e modalidades esportivas porque esperam conquistar novos clientes. Para isso, usam a popularidade do esporte para expandir sua marca e fixar a imagem de seu produto, associando o nome da empresa aos valores da modalidade patrocinada e aos atributos positivos do atleta ou do time.
- Empresas privadas visam o lucro e calculam qual é o rendimento ao associarem sua marca ou seu produto a um esporte.
- Empresas privadas buscam retorno a curto prazo, no máximo em dois ou três anos. Sua escolha é clara: apoiar

Para cada 1 real investido em esporte no Brasil, há um retorno de 8,59 reais em alavancagem social – saúde, educação, luta anticrime, inclusão social etc.

*Fonte: Projeções do Núcleo de Estudos da Saúde, da Previdência e da Assistência Social da EBAPE/FGV*

- times ou atletas que são vencedores de fato, não os que apenas têm potencial futuro de vitórias.
- Empresas privadas preferem apoiar poucas e bem determinadas modalidades esportivas.
- Do ponto de vista da imagem pública e do retorno social, os atributos associados ao esporte possuem grande valor para a iniciativa privada. Esta investe em programas esportivos de cunho social, de relevância localizada, especialmente nas comunidades onde atua, porque entende ser esse investimento um meio de conciliação de interesses e bom retorno do investimento.

## O Estado gasta pouco e mal com o esporte

O esforço em investir e desenvolver o esporte e o lazer esportivo no Brasil mediante a adoção de política públicas recebeu um impulso mais significativo a partir de meados dos anos 80.

Visto como diversão, atividade lúdica e ação de iniciativa pessoal, o esporte foi pouco prestigiado quando se tratou de investir o necessário para obter dele bem-estar social, recreação coletiva, inclusão e interação social, integração comunitária, mais saúde e menor criminalidade.

O Estado brasileiro, historicamente, contou com o esporte feito essencialmente em duas circunstâncias: pela elite e a classe média mais abastada, praticando modalidades em escolas e clubes privados e pela população de baixa renda, utilizando os recursos modestos e parques esportivos das escolas e infra-estruturas públicas municipais, estaduais e federais.

Na medida em que os déficits públicos foram se repetindo e geraram o aumento e o acúmulo descontrolado da dívida pública, o Estado brasileiro passou a aplicar poucos recursos no esporte e até, proporcionalmente à sua crescente arrecadação, passou a aplicar menos.

Pode-se afirmar, assim, que, nos 20 anos entre 1982 e 2002, o esporte tornou-se caudatário das demais políticas públicas da Federação. Em momentos de melhor

equilíbrio fiscal ou de maior vontade de expansão à custa de emissão monetária e aumento do gasto público, até ocorreu expansão da infra-estrutura esportiva pública e maior atividade por meio de eventos.

Também é certo que o esporte recebe uma soma insuficiente de verbas públicas diante das reais necessidades do setor e das óbvias vantagens sociais e econômicas oferecidas pela aplicação de recursos no esporte.

A execução financeira do Ministério do Esporte em 2004 revela um gasto governamental bastante tímido: o total foi de parques 384 milhões de reais, ou apenas 0,087% do valor arrecadado em nível federal, equivalente a 441,4 bilhões de reais naquele ano. No ano anterior, 2003, essa proporção foi ainda menor, de apenas 0,079%, ou 294 milhões de reais.

Da mesma forma, os 26 estados da Federação e o Distrito Federal investem apenas 0,09% de seus recursos financeiros no esporte e os 5.567 municípios brasileiros, em média, pouco mais: 0,96% (dados de 2003).

Vale lembrar que, nos Estados Unidos, o governo federal investe 1,6% de suas receitas fiscais em esporte e lazer. Na Europa, a Inglaterra investe 1,8% e a França, 1,9%. Ou seja, o governo brasileiro, em termos relativos, investe em esporte aproximadamente metade dos recursos equivalentes aplicados no Reino Unido.

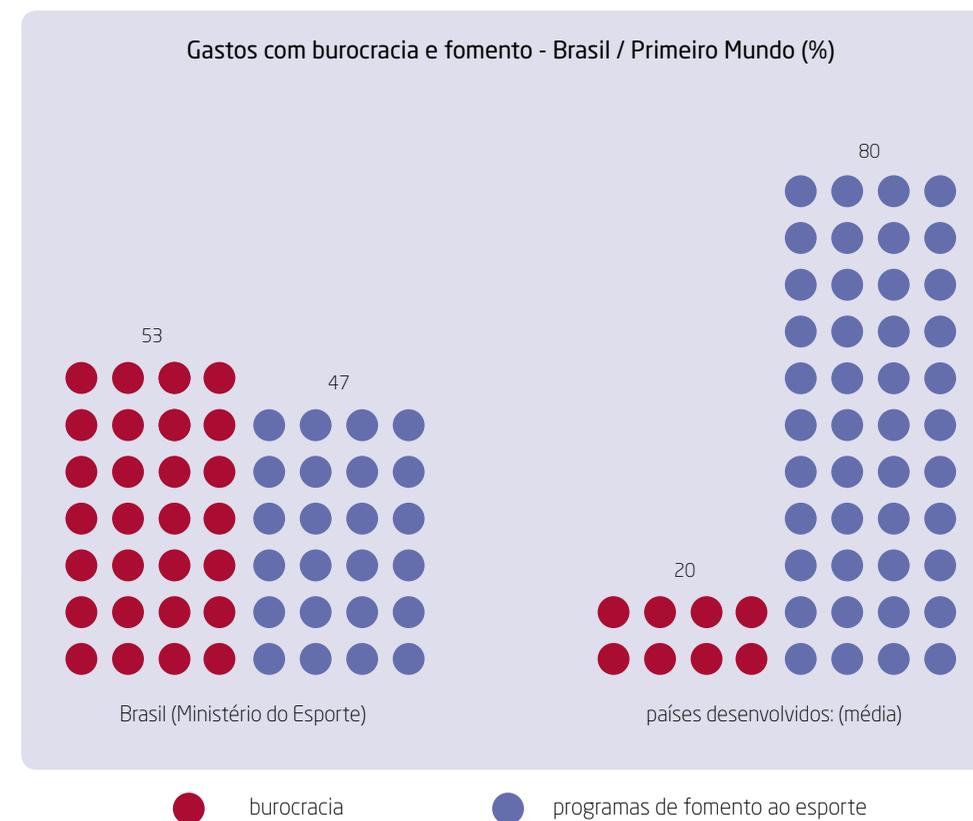
## Burocracia: pesada e sem foco

É importante lembrar que os poucos recursos públicos não se destinam diretamente para a expansão da prática do esporte. Existe uma burocracia pública agigantada e especializada em atividades-meio. Boa parte das verbas públicas se perde na contratação de pessoal para funções administrativas ou de suporte, algumas obsoletas, que não alavancam o esporte como seria desejável. Exemplo: 53% dos gastos do Ministério do Esporte em 2004 foram feitos em pessoal, gestão e apoio administrativo,

encargos e Previdência, sobrando apenas 47% para programas de fomento e apoio ao esporte.

Uma proporção aceitável, padrão mundial seguido por países do Primeiro Mundo como EUA, Austrália e Nova Zelândia, seria de 20% de gastos com administração em geral e 80% de investimentos diretos no esporte.

Segundo a Pesquisa de Informações Básicas Municipais do IBGE publicada em 2004, havia, em dezembro de 2003, 64.686 pessoas trabalhando na área de esporte nos municípios brasileiros.



Inglaterra: a inatividade física custa 2 bilhões de libras\* anuais ao Tesouro. Se a população aumentasse sua atividade física em 10%, o governo já economizaria 500 milhões de libras em tratamentos médicos

**Fonte:** Anais do Parlamento Britânico  
\*1 £ = R\$ 4,08 (em 31/8/2006)

### O governo não gasta o (pouco) dinheiro do esporte

Em 2004, o Ministério do Esporte tinha 223 milhões de reais para obras de infraestrutura, mas só aplicou 36,1 milhões de reais. Desse total, 87% refere-se a emendas de parlamentares para seus colégios eleitorais. Esse volume equivale a 0,04% do investimento total do governo federal em infra-estrutura. Como 0,06% do investimento privado total é no setor esporte, conclui-se que a taxa de investimento brasileira global (público + privado) em infra-estrutura de esporte é de apenas 0,1% do montante investido em infra-estrutura, em todo o País (tabela abaixo).

### O dinheiro das loterias para o esporte: uma Mega Sena

Em 2004, o total de recursos das loterias federais repassados pelo Ministério do Esporte aos estados e ao Distrito Federal foi de 45,4 milhões de reais. São Paulo ficou com a maior parte - 14,8 milhões de reais -, mas Rio de Janeiro (4,7 milhões de reais) e Minas Gerais (4,5 milhões de reais) também foram proporcionalmente bem aquinhoados (veja tabela abaixo). O estado da Bahia, com boa capacidade de negociação em Brasília, obteve quase o mesmo que um estado rico como o Rio Grande do Sul.

### A incerteza do dinheiro público aumenta os riscos do negócio

Em 2002, 2003 e 2004, o orçamento fiscal federal executado pelo Ministério do Esporte teve uma variação média de 26,5% ao ano.

Esse percentual é elevado e bem acima das taxas de inflação de 12,53% (2002), 9,3% (2003) e 7,6% (2004) assinaladas no mesmo triênio. As verbas, por sua vez, minguaram de um ano para outro à taxa de 6,25% (2002/2003). As conclusões sobre os estragos dessa volatilidade estão resumidas no quadro a seguir:

#### Quanto o governo aplicou em infra-estrutura esportiva (2004)

Ação	Em R\$	
	Dotação autorizada	Pago
modernização de núcleos de esporte e lazer	37.656.648	7.746.640
implantação de núcleos de esporte e lazer	166.363.782	23.350.610
implantação de infra-estrutura para o desenvolvimento do esporte educacional	9.933.000	4.085.462
implantação de centros científicos e tecnológicos para o esporte	8.576.606	962.347
modernização de centros científicos e tecnológicos para o esporte	1.120.000	-
<b>Total</b>	<b>223.650.036</b>	<b>36.145.059</b>

\*Desse total, 87% refere-se a emendas parlamentares  
Fonte: Tomada de contas 2004, Ministério do Esporte - Secretaria Executiva.

#### Fomento ao esporte por estado (Exercício 2004)

UF	Total
BA	2.440.958,91
MG	4.493.669,29
PR	2.960.477,04
RJ	4.723.469,07
RS	2.592.126,65
SP	14.818.784,56

Fonte: Caixa Econômica Federal

- Os recursos do orçamento, já parcos, foram cortados na direção oposta ao desejado.
- Quanto maior o corte, mais insegurança se oferece ao setor como um todo e em especial à iniciativa privada, que visa ter fluxos de caixa estáveis.
- Torna inevitável o arrefecimento do ímpeto público em investir, que é vital para motivar o setor privado.

## Destaques do setor público no esporte

O Perfil dos Municípios Brasileiros no Esporte em 2003, conjunto de estatísticas mais recentes da administração pública no setor, publicado em 2006 pelo IBGE, mostra que é em nível municipal que se efetiva a maior presença pública no esporte. São os seguintes os elementos principais da ação das prefeituras no setor esportivo:

As macrorregiões e os estados ricos do Brasil empenham mais recursos no esporte que as macrorregiões e o estados pobres. Assim, o Sudeste e o Sul - com São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais na liderança - aplicaram mais em pessoal, infra-estrutura e eventos esportivos, em comparação ao Norte e Nordeste, com Piauí, Maranhão e Amapá na ponta oposta.

Os municípios mais populosos recebem mais verbas públicas federais e são mais ricos. Aplicam mais em equipamento e atividades esportivas que municípios com pouca população e menor renda. Os municípios auto-sustentáveis - 440 entre 5.567 - aplicam muito mais recursos (acima de 40 mil de reais ao ano) que municípios deficitários crônicos e não auto-sustentáveis (2.620 deles).

Em termos de emprego, as prefeituras pagam os salários de 64.686 funcionários ocupados no setor, 49,6% delas no Sudeste, 21,3% no Nordeste e 18,9% no Sul. Em 2003, a média nacional de funcionários municipais no setor era de 13 pessoas por cidade. No

Sudeste, a média era de 21 pessoas, ou 61,5% maior. Municípios grandes, com mais de 500 mil habitantes, concentram mais pessoal, ou 28,3% do total. Desses, 62,7% são estatutários.

A qualificação do pessoal também é influenciada pelo grau de desenvolvimento econômico da região. Quanto maior o município, maior é a quantidade de professores e mestres formados em educação física, em especial a partir de municípios com mais de 50 mil habitantes.

O Conselho Municipal de Esporte, como instrumento de decisão política e agregação, é desconhecido ou não existe em 88% dos municípios brasileiros, o que mostra a irrelevância atribuída ao esporte em grande parte do País.

A média de recursos aplicados pelas prefeituras em esporte e lazer é de 0,9% da receita municipal, mas, no Sul, a média sobe para 0,96% e, no Sudeste, para 1,07%. Dos recursos totais aplicados em esporte, o Sudeste entrou com 58,9% em 2002 e 62,1% em 2003, mantendo uma firme correlação com o PIB nacional, que no período 2002 a 2004 foi de 63%.

Do total da arrecadação fiscal, o Sudeste contribuiu com 65,3%, o que significa que se transferiu renda da região mais rica a favor das regiões mais pobres. As transferências de recursos públicos federais caíram de 2002 para 2003, de 19,2% para 16,6%, indicando a forte contração do PIB e do gasto público com o objetivo de controlar a inflação.

A gestão esportiva é mais organizada e evoluída no Sudeste, região que sozinha é responsável por 32,1% dos convênios e das parcerias promotoras de atividades esportivas.

As prefeituras exercem um papel essencial na movimentação esportiva da população: 70,3% dos municípios brasileiros desenvolveram ações a favor do esporte por meio de suas prefeituras.

E quando existe, a infra-estrutura esportiva municipal apresenta uma capacidade média satisfatória. Nesse sentido, merece destaque a capacidade média nacional de recebimento de público: ginásio poliesportivo - 1.565 pessoas; estádio de futebol - 4.286; piscinas - 662; autódromo - 18.133; e kartódromo - 2.435.

## O esporte brasileiro gerou, em 2005, 9,27 bilhões de reais em impostos para o Tesouro Nacional

**Fonte:** *Projeção com base em dados do Ministério da Fazenda, da Secretaria da Receita Federal e da Secretaria do Tesouro Nacional. Estimativa para 2005 com base no andamento de 2000 a 2004*

## Das 170 piscinas públicas brasileiras, 110 estão no estado de São Paulo

**Fonte:** *IBGE - Perfil dos Municípios Brasileiros - Esporte, 2003*

O número de pessoas trabalhando formalmente no setor esporte saltou de 245.184, em 1995, para 315.006, em 2005

**Fontes:** *Anuário Estatístico RAIS/CAGED, Ministério do Trabalho; PEEM/EBAPE/FGV*

### **Esporte e desenvolvimento social: o exemplo inglês**

O governo da Inglaterra, país que tem a seu favor o fato histórico de ter exportado com sucesso para o mundo todos os seus principais esportes - futebol, golfe, críquete, tênis, automobilismo -, tem uma política oficial de forte investimento público em atividades esportivas. Segundo registrado nos anais do Parlamento Britânico, Tessa Jowell, secretária de Estado para Cultura, Mídia e Esportes, justifica assim essa política de Estado:

“Nós nos preocupamos com o esporte por três ótimas razões:

porque participar de esportes é uma realização pessoal por si só. Preocupamo-nos intensamente em dar a todos a possibilidade de enriquecer suas vidas com o prazer que o esporte dá, independentemente da sua renda ou situação social;

porque o esporte pode trazer enormes benefícios em termos de saúde para uma sociedade que está crescentemente fora de forma e com sobrepeso;

porque o esporte pode contribuir com muita coisa para a agenda pública em termos de educação, inclusão social e a construção do senso de solidariedade nas nossas comunidades”.

“Preocupamo-nos intensamente em dar a todos a possibilidade de enriquecer suas vidas com o prazer que o esporte dá, independentemente da sua renda ou situação social”

*Tessa Jowell, secretária de Estado para Cultura, Mídia e Esportes, do governo britânico*

“O pior cego é o que só vê a bola”

*Nelson Rodrigues, jornalista e dramaturgo*

# Bibliografia

Ackerman, Diane – *A Natural History of the Senses* – Nova York, ed. Vintage Books, 1995.

Ball, Donald e Loy, John - *Sport and Social Order: Contribution to the Sociology of Sports* – Boston, ed. Addison-Wesley Pub, 1975

Bellos, Alex – *Futebol – O Brasil em Causa* – Rio de Janeiro, ed. Jorge Zahar, 2003

Cousineau, Phil – *O Ideal Olímpico e o Herói de Cada Dia* – São Paulo, ed. Mercuryo, 2004

Duarte, Marcelo – *O Guia dos Curiosos, Jogos Olímpicos* – São Paulo, ed. Panda, 2004

Duarte, Orlando – *Todos os Esportes do Mundo* – São Paulo, ed. Makron, 1996

Foer, Franklin – *Como o Futebol Explica o Mundo* – Rio de Janeiro, ed. Jorge Zahar, 2005

Kasznar, Istvan e Graça Filho, Ary – *O Esporte Como Indústria* – Rio de Janeiro, ed. Confederação Brasileira de Futebol, 2002

Mechikoff, Robert e Estes, Steven – *A History and Philosophy of Sport and Physical Education* – Nova York, ed. McGraw-Hill, 2002

Segalen, Martine – *Ritos e Rituais Contemporâneos* – Rio de Janeiro, ed. FGV, 2002.

Simson, Vyv e Jennings, Andrew – *The Lord of the Rings – Power, Money and Drugs in the Modern Olympics* – Londres, ed. Simon & Schuster, 1992

Van Der Leeuw, Gerardus – *Sacred and Profane Beauty – The Holy in Art* – Nova York, ed. Oxford USA Professio, 1963.

Young, David C. – *A Brief History of the Olympic Games (Brief Histories of the Ancient World)* – Oxford, ed. Blackwell Publishing, 2004.

## Revistas e Jornais

The Economist, Forbes, National Geographic Magazine, Sports Illustrated, Época, Placar, The Sport Journal, Financial Times, O Estado de S. Paulo

## Sites

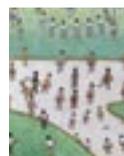
[www.sportv.com.br](http://www.sportv.com.br)  
[www.esporte.gov.br](http://www.esporte.gov.br)  
[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)  
[www.cob.org.br](http://www.cob.org.br)  
[www.olympic.org](http://www.olympic.org)  
[www.jeunesse-sports.gouv.fr](http://www.jeunesse-sports.gouv.fr)  
[www.ipsos.com.br](http://www.ipsos.com.br)  
[www.ibci.com.br](http://www.ibci.com.br)

# Créditos de imagem

Capa e pág. 10: Felipe Barbosa (*Pacthwork*, 2004 (tapete), bolas de futebol abertas e recosturadas, 150 x 200 cm, cortesia Galeria Casa Triângulo)



Pág. 1: Licídio Lopes (*Molecada*, cortesia Galeria Brasileira)



Pág. 2 e 3: José Pereira (*Futebol 02*, cortesia Galeria Brasileira)



Pág. 4 e 5: Nelson Leirner (*O Dia em que o Corinthians foi Campeão*, Futebol, 2001, borracha, plástico, gesso e madeira, 110 x 300 x 200 cm, coleção Galeria Brito Cimino, foto Nelson Kon)



Pág. 6 e 7: José Roberto Aguilar (*Série do Futebol 1*, 1966, spray s/ tela, 114,0 x 146,5 cm, doação de Giuseppe Boccardo, cortesia MAC USP)



Pág. 8 e 9: Claudio Tozzi (*Futebol*, 1970, liquitex sobre tela em eucatex, 120 x 120 cm)



Pág. 156: Rosina do Vale Becker



Pág. 18: Foto Carlos Emílio (Moscou)



Pág. 19: Foto Bobby Fischer



Pág. 20: Foto Christian Sievers / Revista Venice



Pág. 21: Foto Thierry Des Fontaines / MP Agência de Fotografia



Pág. 22: Foto Willie Maldonado / Getty Images



Pág. 23: Foto Jonathan Skow / Getty Images



Pág. 24: Foto Dave Nagel / Getty Images



Pág. 25: Foto Dave Nagel / Getty Images

Pág. 26: Foto Jim Naughten / Getty Images



Pág. 27: Foto Thierry Des Fontaines / MP Agência de Fotografia



Pág. 50 e 51: Foto Araquém Alcântara (Edu Rajabally celebra tempestade próxima, no canal do Varadouro, litoral sul de SP, 1987)



Pág. 52 e 53: Foto Nina Jacobi



Pág. 54 e 55: Foto Cláudio Elisabetsky



Pág. 56 e 57: Foto Alexandre Schneider (Xterra Brazil, Etapa Brasileira do Mundial de Triatlon, 2005)



Pág. 58 e 59: Foto Ronaldo Franco



Pág. 90 e 91: Foto Imagestate / Keystock (coach and umpire)



Pág. 92: Foto Thierry Des Fontaines / MP Agência de Fotografia



Pág. 93: Foto Thierry Des Fontaines / MP Agência de Fotografia



Pág. 94 e 95: Foto Latinstock



Pág. 96 e 97: Foto Age Fotostock / Keystock (karate training)



Pág. 98 e 99: Foto Louise Chin / Artlost



Pág. 118 e 119: Foto André Paoliello



Pág. 120 e 121: Foto Latinstock



Pág. 122 e 123: Foto André Andrade / Sambaphoto



Pág. 124 e 125: Foto Peter Goin / Getty Images



Pág. 126 e 127: Foto Latinstock

## Dossiê Esporte

### Equipe Ipsos Marplan

Direção-executiva: Daina Ruttul - Diretora Nacional de Mídia  
Coordenação: Andreia Schroeder - Diretora de Mídia Ad Hoc  
Supervisão técnica: Luciana Pitelli - Gerente  
Pesquisa qualitativa: Cristina Nishizaki, Mônica Dale, Juliana Pires, Andrea Sichero, Maria Mendonça, Andrea Monteiro.  
Pesquisa quantitativa: Gezerina Haak e Magda Manoel

### Equipe Globosat

Projeto e direção-geral: Pedro Garcia – Diretor de Negócios SporTV  
Coordenação executiva: Júlio Damasceno, Gerente de Marketing SporTV  
Supervisão técnica: Gustavo Freudenfeld, Coordenador de Marketing SporTV  
Direção de pesquisa: Ana Maria Geminigani, Diretora de Marketing Globosat  
Coordenação de pesquisa: Giani Scarin, Gerente de Pesquisa e Análise de Mercado  
Análise de pesquisa: Thais Basile, Analista de Pesquisa e Análise de Mercado

### Equipe Tempo Design

Criação e projeto gráfico: Ricardo van Steen  
Infografia: Cassio Leitão e Silvia Guimarães  
Pesquisa de fotos e coordenação editorial: Renato De Cara  
Produção executiva /direitos autorais: Patrícia Rabello  
Diagramação e fechamento digital: Laila Rodrigues  
Revisão: Hassan Ayoub

### Edição

Textos e direção-editorial: Marco Antonio de Rezende

### Agradecimentos

Arialdo Boscolo  
Bernard Rajzman  
Daiane dos Santos  
Daniele Hypólito  
Dietmar Samulski  
Fábio Fernandes  
Georgios Hatzidakis  
Guilherme Setani  
Istvan Kasznar  
João Ricardo Cozac  
José Carlos Brunoro  
Juca Kfourri  
Marcos Juan Schonoller  
Moisés Cohen  
Paulo Carmossa  
Roberto DaMatta  
Sandro Dias  
Simoni Lahud Guedes  
Thaya Marcondes

## Realização



CANAL **GLOBOSAT**

Todos os direitos reservados à Globosat Programadora Ltda. Proibida a reprodução total ou mesmo parcial deste livro, sem a expressa autorização da Globosat.

Este livro foi impresso pela Editora Gráficos Burti Ltda. no processo offset em papel couché fosco 150g e papel alta alvura 120g.  
Tiragem de 1000 exemplares.

